



Universidade de Brasília – UnB  
Instituto de Psicologia – IP  
Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED  
Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde PGPDS



**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO,  
EDUCAÇÃO E INCLUSÃO ESCOLAR – UAB/UnB**

**A IMPORTÂNCIA DA PARCERIA ESCOLA-FAMÍLIA PARA  
A INCLUSÃO DE ALUNOS COM BAIXA VISÃO.**

**Sebastiana Cecília Ramos Dutra Borges**

ORIENTADORA: Riane Natália Soares Vasconcelos

BRASÍLIA/2011



Universidade de Brasília – UnB  
Instituto de Psicologia – IP  
Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED  
Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde PGPDS



**Sebastiana Cecília Ramos Dutra Borges**

**A IMPORTÂNCIA DA PARCERIA ESCOLA-FAMÍLIA PARA  
A INCLUSÃO DE ALUNOS COM BAIXA VISÃO.**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, da Faculdade UAB/UNB - Pólo de Alexânia. Orientadora: Professora Riane Natália Soares Vasconcelos

BRASÍLIA/2011

# **TERMO DE APROVAÇÃO**

Sebastiana Cecília Ramos Dutra Borges

## **A IMPORTÂNCIA DA PARCERIA ESCOLA-FAMÍLIA PARA A INCLUSÃO DE ALUNOS COM BAIXA VISÃO.**

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar – UAB/UnB. Apresentação ocorrida em 16/04/2011.

Aprovada pela banca formada pelos professores:

---

Riane Natália Soares Vasconcelos  
(Orientadora)

---

Gabriela Sousa Melo Mieto  
(Examinadora)

---

Sebastiana Cecília Ramos Dutra Borges  
(Cursista)

BRASÍLIA/2011

## DEDICATÓRIA

Ao meu marido e ao meu filho, que sempre estão comigo nas horas mais difíceis, me apoiando nos meus projetos.

A minha sobrinha que serviu de inspiração para que meu coração se sensibilizasse ainda mais para a necessidade das crianças serem incluídas em escolas de ensino regular e ter consciência de todas as barreiras que elas precisam enfrentar para serem atendidas de acordo com as leis brasileiras, e que infelizmente nem sempre acontecem na sua integralidade.

A minha irmã, mãe e batalhadora pelos direitos de sua filha ao atendimento que ela necessita.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a meus pais, que sempre me disseram o quanto seriam importantes os estudos na minha vida.

A todos que me ajudaram, incentivando no dia-a-dia o processo de conhecimento e aprendizagem sobre a inclusão e os diversos tipos de deficiência.

Aos meus alunos, pois todos os dias tenho vários desafios pessoais a vencer. Com eles aprendo a ser uma pessoa melhor e mais sensível à causa do outro.

## RESUMO

O trabalho aqui apresentado é o resultado de pesquisa feita em escola pública da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal e que tem por objetivo verificar a importância da parceria escola-família para a inclusão de alunos com baixa visão. Para isso, é importante a apresentação do conceito, a classificação, a etiologia e os sintomas que sinalizam a deficiência visual, bem como a identificação do conceito de educação inclusiva com fundamentação legal e pressupostos, apontando o papel da escola como incentivadora da família no processo da inclusão e por fim a investigação da importância da parceria escola-família no processo inclusivo. A metodologia utilizada para a coleta de dados ocorreu através de pesquisa qualitativa, com aplicação de entrevista semi-estruturada a professores que atuam com alunos que têm deficiência visual (baixa visão) em classes regulares, a professora da sala de recursos que atende alunos com deficiência visual e uma mãe de aluna deficiente visual. Além das entrevistas, foi necessário realizar uma revisão bibliográfica com autores de obras sobre inclusão e deficiência visual. Nos resultados encontrados, foi possível constatar a importância da escola e da família estar em sintonia para que a criança deficiente visual possa ter um atendimento que realmente atenda suas necessidades e também que os professores sejam capacitados para dar um atendimento cada vez melhor a esses alunos. A inclusão na escola pública é cada vez maior e cabe a ela desenvolver estratégias para que a parceria com a família seja eficiente. Que a família se sinta segura, tendo apoio no trato com suas crianças que tanto necessitam de um processo inclusivo capaz de atendê-las de forma adequada em ambas as instituições.

Palavras-chaves: deficiência visual, inclusão, família, escola e parceria.

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	07
I FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	11
1.1. Deficiência Visual.....	11
1.1.1. Etiologia.....	12
1.1.2. Sintomas que sinalizam a deficiência visual.....	14
1.2. Educação Inclusiva.....	16
1.2.1. Principais fundamentos legais .....	17
1.2.2. Pressupostos.....	19
1.3. A importância da Família e da Escola junto ao deficiente visual.....	20
1.3.1. O papel da família.....	21
1.3.2. A Escola como incentivadora da participação da família.....	22
II OBJETIVOS.....	26
III METODOLOGIA.....	27
3.1. Fundamentação Teórica da Metodologia.....	27
3.2. Contexto da Pesquisa.....	27
3.3. Participantes.....	30
3.4. Materiais.....	32
3.5. Instrumentos de Construção de Dados.....	33
3.6. Procedimentos de Construção de Dados.....	33
3.7. Procedimentos de Análise de Dados.....	34
IV RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	35
V CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	63
APÊNDICES.....	65
ANEXOS.....	72
A - Carta de Apresentação – Escola .....	73
B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Professor .....	74
C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Pais .....	75

## APRESENTAÇÃO

Aprimoramento sempre foi uma palavra importante na minha vida. Dessa forma, acredito que só podemos trabalhar e viver de forma consciente exercendo plenamente a cidadania, com conhecimento.

Conhecimento é a palavra que norteia todos os rumos da nossa vida. Sem o conhecimento, somos incapazes de “enxergar” o que nos é realmente importante.

Parece contraditório falar em “enxergar” quando estamos procurando tratar de questões relacionadas à inclusão de alunos com deficiência visual, mas o sentido da palavra se refere ao sentimento, em se colocar na situação do outro, ser pessoa, ser gente com sensibilidade e disponibilidade para aprender e viver de forma a servir a essas pessoas tornando-as cada vez mais adaptadas ao meio e que sejam respeitadas enquanto seres integrais e que poderão exercer plenamente sua cidadania num futuro muito próximo.

O desenvolvimento humano só será pleno quando todas as pessoas tiverem seus direitos assegurados e, principalmente, as menos assistidas e mais necessitadas de uma educação que possa se adequar às suas necessidades e à sua realidade.

A percepção da necessidade da inclusão frequentemente ocorre quando presenciamos dentro das nossas próprias famílias crianças que precisam de atendimento e apoio conforme determinação das leis. Pude sentir de perto esse drama por ter uma sobrinha que necessita de todo suporte para se desenvolver de forma integral devido a uma anóxia no momento do parto complicado e prematuro que resultou em seqüelas na sua locomoção e fala.

Ela é deficiente física e sempre teve todo o apoio necessário da mãe, do pai e de profissionais capacitados para facilitar sua adaptação à escola e à vida.



Trabalhar a inclusão, de forma que ela beneficie as crianças em idade escolar, é o que a constituição e várias leis garantem a essas crianças e adolescentes. É ponto indispensável a ser estudado por qualquer educador que queira adequar sua prática de ensino às necessidades reais dos educandos e, principalmente dos alunos com necessidades educacionais especiais, no caso específico, a deficiência visual e a parceria-escola família para a inclusão desses alunos de forma eficaz.

Com esse intuito, ao procurar um curso que abrangesse o desenvolvimento humano, concomitantemente pensando em educação escolar e como pode acontecer a inclusão, percebi a necessidade de ter como objeto de estudo algo que estivesse diretamente relacionado com a prática pedagógica diária, em que pudesse realmente aplicar os conhecimentos adquiridos, além de procurar entender como ocorre a repercussão da inclusão em uma escola de ensino regular com Ensino Fundamental séries finais.

Sou professora de Secretaria de Educação do Distrito Federal há quatorze anos e desde o início tenho recebido desafios de como lidar com os mais diversos casos de alunos com diversos tipos de deficiência e transtornos, tarefa que não é nada fácil no dia-a-dia escolar e com muito pouca infraestrutura de adequação física e material para esses alunos.

Atualmente tenho 13 alunos que estão incluídos em classes de ensino regular, alunos com deficiência intelectual, deficiência física e deficiência visual, além dos que possuem transtorno de déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). Porém, os casos de alunos com baixa visão se mostram intrigantes e de difícil entendimento por sua complexidade, e também pelo fato das escolas públicas do Distrito Federal serem escolas inclusivas e terem esses alunos como público freqüente, dentre os vários casos de alunos com necessidades educacionais especiais (ANEEs).Torna-se necessário então, uma análise mais detalhada da interação entre escola, família e aluno.

Como esses alunos com baixa visão são incluídos na escola de ensino regular é uma questão de grande interesse. A escola Inclusiva hoje é uma

realidade, e tanto educadores quanto a família devem estar preparadas para dar o suporte necessário a esses alunos.

Este pode ser então, um bom momento para fazermos uma reflexão: na verdade, é papel da escola que inclui além de oferecer o acesso aos alunos com necessidades educacionais especiais, no caso de alunos com baixa visão, a permanência e o sucesso desses alunos durante seu caminhar no aprender? Como a parceria escola-família pode ajudá-lo nesse contexto?

A necessidade de se investigar esse tema se deve ao fato de procurarmos sempre um embasamento teórico sólido, que mostre caminhos que poderão facilitar a adaptação dessas crianças às escolas inclusivas.

A escola deve servir de apoio e lugar disponível para que a inclusão ocorra com qualidade e atendendo aos alunos em seus aspectos: afetivo, cognitivo e psicomotor.

A criança somente, não terá sucesso se a família não estiver atuando conjuntamente com a escola para que a inclusão seja feita de forma tranqüila e que proporcione o bem-estar de todos que nela se encontram inseridos, seja como aluno, professor atuante com esses alunos e a família participando do processo em todos os seus aspectos.

Nesse sentido, o objetivo principal do presente trabalho foi analisar a importância da escola e da família atuarem em parceria para que os alunos com baixa visão sejam efetivamente incluídos nas escolas regulares.

O presente estudo está estruturado em capítulos, sendo o primeiro voltado à fundamentação teórica, que aborda a deficiência visual, a educação inclusiva e seus pressupostos, assim como o papel da escola e da família neste contexto da inclusão.

No segundo capítulo constam os objetivos geral e específicos, enquanto no terceiro está delineada a metodologia utilizada para a realização do presente estudo.

Os resultados encontrados e sua respectiva discussão encontram-se no capítulo quatro, enquanto no capítulo cinco constam as considerações finais.

Muitos autores foram considerados, porém três são de fundamental relevância para a reflexão a que se propõe o presente trabalho. São eles, Pacheco *et al.* (2007), Alves (2009) e Fossatti (2009).

A investigação de forma qualitativa, com aplicação de entrevista semi-estruturada a sete professores de classe regular do Ensino Fundamental séries finais (5º ano ao 9º ano) de uma escola pública do Distrito Federal, localizada em uma cidade satélite, servirá de suporte para as considerações levantadas no decorrer do trabalho. A professora da sala de recursos e um responsável por um aluno com deficiência visual (baixa visão), envolvidos no processo de aprendizagem também são fundamentais para a análise da questão escola x família.

As análises das entrevistas tendem a nos dar uma visão geral de como a escola e a família atuam no sentido de ajudar ou não na vida desses adolescentes. Que eles se sintam realmente incluídos no ambiente escolar e que possam se desenvolver de forma integral na escola e junto à família.

Segundo Alves (2009), quando a família é informada pela escola da necessidade de acompanhar a criança, ela deve ter o compromisso de fazê-lo de forma que a criança possa se beneficiar diariamente desse momento de interação. Assim, a afetividade estará presente nesse convívio e a solidariedade só trará benefícios a todos os envolvidos no processo de aprendizagem dessa criança que tanto necessita do apoio de todos.

## I FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 1.1. Deficiência Visual

Segundo a Convenção da Organização das Nações Unidas (ONU), deficientes são pessoas com impedimentos físicos, mentais, intelectuais ou sensoriais e as barreiras que podem impedir que essas pessoas possam participar de forma igualitária, plena e efetiva com outras pessoas e em condições igualitárias na sociedade (FOSSATTI, 2009).

Segundo Fossati (2009), a deficiência visual pode ser assim classificada:

- Cegueira: redução da acuidade visual central desde cegueira total (nenhuma percepção de luz) em ambos os olhos.
- Visão subnormal (visão reduzida).

A deficiência visual, de acordo com a mesma autora, pode ser conceituada como diminuição das respostas visuais a estímulos ambientais. A falta de percepção da luz e campo visual restrito.

Brasil (*apud* RAPOSO e CARVALHO, 2010), caracteriza a baixa visão pelo comprometimento da função visual devido à baixa acuidade visual, redução do campo visual, alteração na percepção de cores e sensibilidade aos contrastes, que limitam ou interferem na visão.

Pode ocorrer também visão reduzida; o que o aluno enxerga varia conforme a causa e a extensão do dano visual. Em alguns casos, pode haver melhora na percepção da imagem através da correção por meio de óculos.

Segundo Raposo e Carvalho (2010, p.155), *“a visão é um sentido fundamental para muitos animais. A alimentação, a proteção e a sobrevivência de muitas espécies dependem da percepção visual”*.

E na espécie humana não é diferente, a visão é a janela para o mundo. Mas se ela faltar? Sabemos que os seres humanos são dotados de sentidos e esses sentidos permitem que a interação com o ambiente se torne mais fácil. É

possível então, que essa interação do organismo com o ambiente possa ocorrer através da audição, tato, olfato e paladar (FOSSATTI, 2009).

Deve-se refletir então, sobre essa questão da deficiência. Não como algo distante, mas algo que pode estar muito próximo, e se não nos afeta, pode afetar parentes, amigos ou pessoas que trabalham conosco e mesmo as que não fazem parte diretamente de nossa vida.

### **1.1.1. Etiologia**

Muitas situações cotidianas podem ocorrer para que uma pessoa se torne deficiente visual no decorrer da vida.

Segundo reportagem da revista Boa Saúde, acidentes de trabalho, como os que acontecem com soldadores, que ao manipularem inadequadamente a solda sem a proteção dos óculos podem se ferir. Acidentes de carro onde ocorrem traumas na região dos olhos provocados pela batida do veículo também podem deixar sequelas.

De acordo com o mesmo autor, acidentes com produtos químicos como soda cáustica, quedas e atividades esportivas também podem provocar traumatismos na região dos olhos. Ingestão de substâncias tóxicas, intoxicação por chumbo, doenças infecciosas ou diabetes podem provocar problemas na retina, que podem causar cegueira. Enfim, viver pode ser um risco, e todas as pessoas têm possibilidade de passar por tal situação, ou seja, tornar-se um deficiente visual.

De acordo com Reily (2006), a pessoa também pode nascer sem a visão em decorrência de doenças da mãe no período gestacional como: toxoplasmose, sífilis ou rubéola, ou por defeitos no globo ocular ou nas conexões cerebrais que podem ser causas para uma deficiência visual.

Para se compreender os defeitos da visão que uma pessoa pode ter, é interessante entender o funcionamento do olho humano.

Segundo Raposo e Carvalho (2010), o olho é composto pelas vias ópticas, o cérebro, e o globo ocular com todas as partes que o complementam. Ele funciona captando estímulos luminosos que refratam pela córnea, humor aquoso, pupila, cristalino e humor vítreo que por serem transparentes permitem que a luz chegue à retina.

As células nervosas sensíveis à cor e à luz encontram-se na retina onde se forma a imagem na sua maior nitidez. Na mácula ocorre a percepção dos detalhes, tanto na visão para perto quanto na visão para longe. A percepção dos movimentos e da presença dos objetos, ocorrem na parte periférica da retina. Os bastonetes permitem enxergar quando há pouca luminosidade (REILY, 2006).

Brasil (*apud* RAPOSO e CARVALHO 2010), cita que quando as estruturas do olho deixam de ser transparentes, a imagem pode ser formada fora da retina e esse processo pode ocasionar deficiência visual sem que a mesma possa ser revertida.

Segundo Fossatti (2009, p.21), a *“deficiência visual, entre suas principais causas, tem origem genética, degenerativa, infecciosa, nutricional, traumática e também pode ser causada por doenças, como catarata.”*

Ainda segundo Fossatti (2009, p.22) a cegueira também pode ocorrer devido *“amaurose congênita de Leber (distrofia na retina), malformações oculares, glaucoma congênito, catarata congênita e retinocoroidite por toxoplasmose.”*

De acordo com Reily (2006), a catarata congênita é a opacificação do cristalino, que provoca visão ofuscada e perda de foco. O glaucoma congênito é o aumento da pressão interna do olho podendo provocar aumento do globo ocular, sensibilidade à luz, lacrimejamento e coceira. A visão periférica fica prejudicada e o campo visual restrito, com visão tubular. A toxoplasmose é uma

doença que pode ser transmitida ao feto pela mãe, ela é contraída através do contato da pessoa com animais infectados como gato, cachorro, porco e aves.

Siaulyš (*apud* RAPOSO e CARVALHO 2010), ressalta que a deficiência visual poderia ser evitada em muitos casos, por meio de programas de saúde, saneamento básico e triagem em escolas para detecção e tratamento precoce.

### **1.1.2. Sintomas que sinalizam a deficiência visual**

Existem sinais que podem permitir que se perceba o não funcionamento da visão de forma adequada em crianças. O não reconhecimento visual de familiares, desvio de um dos olhos, baixo aproveitamento escolar e atraso no desenvolvimento (FOSSATTI, 2009).

Em adultos, o turvamento súbito da visão, dores de cabeça, tropeços e acidentes também podem ser indícios de algum problema visual. (FOSSATTI, 2009).

A mesma autora ressalta, também, que a deficiência visual e o seu nível de comprometimento, bem como a sua evolução, podem fazer com que a criança tenha que se adaptar e interagir com o ambiente a partir de novas perspectivas. Para isso, ela pode lançar mão dos outros sentidos, principalmente o tato, que possibilitará à criança conhecer e explorar tudo através desse órgão do sentido que será seus olhos.

A criança com baixa visão tem dificuldade em enxergar conforme o dano visual e a extensão desse dano. Se existe problema neuro motor, a criança também pode apresentar problemas visuais devido à dificuldade de coordenar os músculos dos olhos e da cabeça (REILY 2006).

Para adultos e crianças que possuem a visão, recomenda-se exames anuais para detectar possíveis alterações no globo ocular ou doenças, como no

caso dos idosos, que podem desenvolver, como a catarata devido ao avanço da idade.

Segundo Fossatti (2009), a necessidade de cuidados e avaliações para com as crianças são de suma importância. É necessário que a criança seja submetida a exames oftalmológicos desde a primeira infância para se detectar possíveis problemas que possam afetar a visão das mesmas e em consequência desses problemas não diagnosticados, não ter um desenvolvimento adequado.

O convívio diário com a criança e suas observações sobre o que ocorre à sua volta são importantes para que se perceba se o desenvolvimento dela está a contento, ou se a mesma sofre de alguma desordem de natureza física, como a dificuldade de visualizar objetos e outras tarefas diárias que devem ser executadas por ela.

É preciso que os pais fiquem atentos com as crianças para verificar se possíveis indícios como acidentes, que possam representar perigo à sua integridade física estejam acontecendo. E os professores devem ficar atentos à falta de atenção das crianças nas atividades propostas, o desinteresse, a lentidão para a realização de tarefas e o baixo rendimento, que também podem trazer indícios de que existe alguma complicação no aparelho visual da criança (FOSSATTI, 2009).



## 1.2 Educação Inclusiva

A educação inclusiva no Brasil é relativamente nova. Somente a partir de 1990, por iniciativa de educadores e instituições ligadas às pessoas com deficiência é que as leis foram criadas e passaram a ser aplicadas.

Sassaki (*apud* SOARES 2003, p.15), define a educação inclusiva como:

*Um conjunto de princípios e procedimentos implementados pelos sistemas de ensino para adequar a realidade das escolas à realidade do alunado que, por sua vez, deve representar toda a diversidade humana. Nenhum tipo de aluno poderá ser rejeitado pelas escolas. As escolas passam a ser chamadas inclusivas no momento em que decidem aprender com os alunos o que deve ser eliminado, modificado, substituído ou acrescentado nas seis áreas de acessibilidade, a fim de que cada aluno possa aprender pelo seu estilo de aprendizagem e com o uso de todas as suas múltiplas inteligências.*

Ou seja, a escola inclusiva deve se adequar aos alunos e nenhum aluno pode ser rejeitado; a metodologia de ensino deve se adequar à realidade da vida das crianças e de acordo com a forma que cada aluno tem de aprender.

Ainda de acordo reportagem citada acima, Sassaki (*apud* SOARES 2003, p.15):

*As seis áreas de acessibilidade são: arquitetônica (desobstrução de barreiras ambientais), atitudinal (prevenção e eliminação de preconceitos, estigmas, estereótipos, discriminações), comunicacional (adequação de códigos e sinais às necessidades especiais), metodológica (adequação de técnicas, teorias, abordagens, métodos), instrumental (adaptação de materiais, aparelhos, equipamentos, utensílios, tecnologias assistivas) e programática (eliminação de barreiras invisíveis existentes nas políticas, normas, portarias, leis e outros instrumentos afins).*

A escola deve propiciar que os alunos com deficiência tenham as áreas de acessibilidade transpostas para que sua freqüência possa acontecer sem que haja qualquer tipo de impedimento. No caso dos alunos com deficiência visual, deve haver adaptação de materiais e os planejamentos da escola já devem prever como incluir esses alunos em todas as atividades propostas.

### 1.2.1. Principais fundamentos legais

De acordo com o caderno de Orientação Pedagógica da Educação Especial, da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal – SEEDF (2010), os marcos legais para que a pessoa com deficiência, tenha seus direitos assegurados começam com:

> A Declaração Universal dos Direitos Humanos, assinada em 1948 em que todos devem ter garantida a educação, não levando em consideração as condições sociais e as origens dos indivíduos;

> Constituição Federal do Brasil, lançada em 1.988 e que no seu artigo 205 reitera que a educação é um direito de todos e dever do estado, bem como da família, ao mesmo tempo diz que os alunos deficientes devem ser atendidos prioritariamente na rede regular de ensino;

> A Declaração de Salamanca, em 1.994, que traz no seu texto o respeito às diferenças;

> A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96

> O Decreto 3.298 de 20 de dezembro de 1.999, vêm endossar que as pessoas com deficiência estão incluídas no artigo 205 da Constituição Federal;

> Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que fala sobre o uso da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS);

> Decreto nº 22.912, de 25 de abril de 2002, regulamenta a lei nº 2.698/2001 que fala sobre o atendimento especializado aos estudantes com deficiência da Educação Básica em estabelecimentos públicos e particulares do DF.

> Portaria nº 2.678/02 que recomenda o uso do Braille no país e a conversão da escrita Braille para a Língua Portuguesa;

> Lei nº 3.218, de 05 de novembro de 2003 e determina a universalização da educação inclusiva nas escolas públicas de ensino do Distrito Federal.

> Lei nº 10.845, de 5 de março de 2004 - Programa de Complementação ao Atendimento Educacional Especializado às Pessoas Portadoras de Deficiência.

> Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005 que regulamenta a lei nº 10.436 que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS);

> A convenção da ONU de 2006, em que responsabiliza os estados a possuírem a Educação Inclusiva como meta e que alcance todas as modalidades de ensino;

> Decreto nº 6.094, de 24 de abril de 2007 que fala sobre o Plano de Metas para a garantia de acesso e permanência no ensino regular e o atendimento às necessidades educacionais especiais dos estudantes, com o intuito de que a inclusão educacional nas escolas públicas seja fortalecida.

> Lei nº 4.317, de 09 de abril de 2009 que institui a política distrital para a integração da Pessoa com Deficiência, consolida as normas e dá outras providências.

Como deixamos claro, existem várias leis a nível internacional, nacional e local que garantem os direitos da pessoa com deficiência, bem como o acesso à escola de ensino regular a partir do processo de inclusão.

Fossatti (2009, p. 13) diz que:

*No mundo dos vivos, todos têm uma forma peculiar de perceber a realidade. Tanto para nós deficientes visuais (DV) quanto para quem possui visão normal, o mundo dos vivos pode se revelar pelo mundo interior, pela intuição e pela percepção dos demais sentidos. Assim, penso que enxergar ou não enxergar, neste mundo dos vivos, não faz a grande diferença; o importante está no processo de inclusão social que é permitido a nós, deficientes.*

Cabe ao país, aos estados e municípios cumprirem essas leis e torná-las conhecidas de todas as pessoas envolvidas no processo educacional para

que a adequação necessária se faça presente em todas as escolas, propiciando o atendimento adequado dos alunos com deficiências.

### **1.2.2. Pressupostos**

Segundo Pacheco *et al.* (2007), o termo educação inclusiva é uma forma de atendimento à diversidade das necessidades educacionais de alunos nas escolas. A política de educação inclusiva é aceita internacionalmente por órgãos como a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), Banco Mundial, União européia, órgãos governamentais e não-governamentais que acreditam que todas as crianças têm o direito de serem educadas em escolas regulares.

Pacheco *et al.* (2007), também reforça que o princípio no qual se baseia a escola inclusiva, tem como referência a Dinamarca, que em 1969 já se preocupava com o tema; os Estados Unidos passaram a trabalhar com esses princípios em 1975 e a Europa, nos anos 90, onde ocorreu uma definição de moldes a serem seguidos em vários países do mundo.

Hoje é comum a utilização das palavras integração e inclusão e para entendimento de como foi e como deve ser uma escola com princípios que norteiam a inclusão de acordo com as leis.

Segundo Sasaki (2005), existe diferença entre integração e inclusão escolar. A integração escolar é a adequação do aluno à escola convencional, com sua estrutura física, administrativa, pedagógica, curricular e política. Onde o aluno deve estar de acordo com o nível estabelecido pela escola que for recebê-lo. Já a inclusão escolar é o processo de adequação da escola para que os alunos possam ter uma educação de qualidade de acordo com a realidade de cada um ao chegar à instituição.

Ainda segundo o mesmo autor, essa inclusão deve ocorrer independente de raça, etnia, gênero, situação socioeconômica e deficiências. É a escola que

deve ser capaz de acolher todo tipo de aluno e de lhe oferecer educação de qualidade, ou seja, respostas educativas compatíveis com as suas habilidades, necessidades e expectativas.

### **1.3. A importância da Família e da Escola junto ao Deficiente Visual**

A relação da família com a escola nunca foi fácil. Desde muito tempo, a escola e a família geralmente atuavam e, algumas ainda atuam, de forma contrária às necessidades dos alunos.

Jung (*apud* ALVES 2009, p.70) argumenta que: *“é de grande importância a função dos pais e dos educadores como fator determinante no processo de crescimento e de amadurecimento da criança.”*

Se pais e educadores conseguem trabalhar de forma a beneficiar a criança, a mesma será beneficiada por ambos, tendo um desenvolvimento muito mais saudável e se tornando no futuro um adulto feliz e um cidadão realizado.

As influências do ambiente escolar e as necessidades do aluno constituirão na questão psico pedagógica, que servirá de resposta a atividades que desenvolvam o perfil psicológico da criança em sua individualidade e que facilitará novas estratégias de aprendizagem (ALVES, 2009).

Alves (2009), também comenta que toda a influência que a criança recebe será revertida na forma como ela irá interagir com a escola e a percepção que ela tem de si mesma e sua interação com o ambiente e o mundo.

Significa dizer então, que a criança ao conviver com outras crianças no ambiente escolar, desenvolverá uma auto-percepção e interação maior no mundo no qual está inserida e suas experiências serão convertidas em aprendizagem.

#### **1.3.1. O papel da família**

É interessante iniciarmos esse tópico colocando em questão a definição de família. Conforme definição sociológica citada por Buscaglia (2010, p.79), “*a família é definida como um sistema social pequeno e interdependente, dentro do qual podem ser encontrados subsistemas ainda menores, dependendo do tamanho da família e da definição de papéis.*”

O autor também afirma que a família tem papel fundamental no comportamento humano, na formação da personalidade e como ela sofrerá a intervenção na evolução mental e social e como a cultura será estabelecida por essa família à criança.

Não se pode ignorar que a primeira interferência que a criança recebe ao nascer e pelo resto de sua vida, acontecerá através da família. É a partir dela que todas as conexões cerebrais e posteriormente sociais acontecerão na vida de qualquer criança.

É na família que se consolida a personalidade e as características que prevalecerão durante a vida dessa criança na fase adulta. Quando Buscaglia (2010) diz que as famílias têm dificuldade em se preparar para enfrentar os obstáculos que poderão vir a ter que enfrentar durante a sua trajetória enquanto micro sistema, é porque a interferência da família na vida de qualquer indivíduo prevalece por toda a vida. É na família que o indivíduo se fortalece para enfrentar esses obstáculos ou é nela que ele poderá descontar seus fracassos.

Buscaglia (2010, p.81) comenta:

*É verdade que a família deva assumir sua parte da responsabilidade, pois é dentro dos limites desta unidade social que a criança aprenderá a ser o tipo de ser humano que a sociedade determina como normal. Mas, além disso, é também aqui que se aprende a ser único, a desenvolver a individualidade e a tornar-se uma pessoa criativa, em busca da auto-realização. Esse é um difícil encargo para os membros da família, os quais são produtos de outras famílias e, na maioria dos casos, preparam-se de forma inadequada para essas complexas tarefas.*

Ou seja, muitas famílias já vieram de formações complicadas e com cargas emocionais negativas, que podem interferir nos novos membros que virão. Muitos membros não estão preparados para se tornarem novas famílias e essa cadeia de despreparo pode se perpetuar se um desses membros não assumir uma postura de reflexão, auto conhecimento e porque não, de solicitar ajuda, se necessário for, a profissionais qualificados.

### **1.3.2. A Escola como incentivadora da participação da família**

A família deve funcionar como incentivadora e motivadora de seus membros, a primeira referência que a criança tem em sua vida é com seus pais, se eles reforçam positivamente os comportamentos sociais corretos, a criança se sentirá muito mais auto-confiante para enfrentar os obstáculos que terá que trilhar durante sua caminhada de formação e auto-conhecimento (BUSCAGLIA, 2010).

No caso de crianças com deficiência, família e escola devem trabalhar em prol dessa causa, tornar mais fácil a convivência dessas crianças tanto na escola quanto em casa, com todos os atores envolvidos nesse processo. É necessário pensar que essa boa convivência é de suma importância para que o desenvolvimento dessas crianças ocorra de forma tranqüila e sem traumas na sua vida adulta.

Giangreco (*apud* Pacheco *et al.* 2007) diz que o trabalho em equipe com uma estrutura em que se envolvam as famílias, o educador em que se deixe claro os papéis de cada um, torna a escola eficiente no seu papel de desenvolver bem o trabalho pedagógico.

A escola também faz parte desse processo de apoio para que a criança ou adolescente adquiram esse suporte. A instituição deve estar apta para ajudá-las a superar os desafios que encontrará na vida adulta e como cidadão atuante no nosso mundo globalizado e cheio de desafios.

Para tanto, é necessário que pais e professores as orientem para ajudá-las de forma a torná-las aptas a serem independentes tanto física quanto emocionalmente e também intelectualmente.

É necessário então, que família e escola estejam em constante comunicação para trocarem opiniões e observações à respeito das necessidades das crianças assistidas pelas mesmas.

De acordo com Alves (2009, p.40):

*As interações sociais, a família interagindo com a escola, as afetividades, a boa comunicação entre os personagens da escola e o aluno, a possibilidade de uma boa convivência social entre todos, tudo isso cria um desempenho importante na formação da personalidade da criança.*

Quando família e escola conseguem dialogar, quem ganha é o aluno, a comunicação torna a vida da criança ou adolescente mais fácil além de tornar a convivência deles na escola muito mais prazerosa.

Ao se falar em um aluno com deficiência, essa interação entre as duas instituições deve ser ainda mais integrada, a cooperação entre ambas deve levar em conta o bem estar físico e emocional da criança bem como o desenvolvimento de todas as suas potencialidades.

Segundo Alves (2009, p.39):

*A escola é o meio onde a criança retira recursos para atuar através das condutas educativas disponíveis a ela. O ambiente escolar deve ser planejado e estruturado, pois é através deste método que o desenvolvimento infantil será promovido e terá um papel decisivo no futuro do indivíduo.*

A escola deve ser o ambiente mais propício possível para que a criança desenvolva integralmente sua capacidade e para isso, é necessário que os estímulos sejam adequados a esse desenvolvimento.

Alves (2009, p.59) traça o perfil do educador inclusivo:

*O educador inclusivo precisa ter uma clara preocupação do caminho que terá que percorrer para conseguir alcançar os objetivos. [...] Tem que conhecer ou se aprofundar na vida pessoal, no ambiente familiar destes indivíduos para que possa planejar as tarefas de ensinar, com*



*mais profundidade e atenção, só assim irá ocorrer a transformação, por menor que seja.*

Segundo Pacheco *et al.* (2007, p.41), “a interação entre os alunos pode ser vista tanto como sendo formal ou informal. Os professores ou os alunos poderiam planejar interações.” O que significa isso: que a escola deve estar aberta e disponível, sendo flexível para aceitar novas formas de interação com a participação de todos os integrantes desse processo de planejamento (pais, professores e alunos).

Cabe ao professor propiciar as interações em sala de aula dos alunos no geral e também dos alunos com deficiência visual, nesse ambiente integrador. Nesse caso, é importante facilitar para que esses alunos tenham colegas próximos que possam participar de forma efetiva do processo ensino-aprendizagem de forma cooperativa.

As interações informais acontecem de forma a que os outros alunos desenvolvam atividades fora de sala que incluam os alunos com deficiência, assim, essas crianças se sentirão parte do ambiente escolar e terão um desenvolvimento mais efetivo.

Pacheco *et al.* (2007, p.43), considera que:

*A prática inclusiva em sala de aula objetiva promover a formação de relacionamentos, um ambiente afetuoso e atencioso; promove ainda igualdade, a possibilidade de apoio permanente e grandes expectativas no nível cognitivo, social e emocional.*

Quanto mais os alunos com deficiência visual se sentirem bem recebidos em sala de aula por professores e colegas, maior sua adaptação a esse ambiente escolar que à primeira vista pode ser desagregador, não possibilitando o desenvolvimento afetivo e social. Para isso, o professor deve desenvolver estratégias de ensino que tornem a aprendizagem mais participativa e com a cooperação de todos.

Segundo Fossatti (2009), as crianças com necessidades especiais são beneficiadas quando interagem com crianças sem necessidades especiais a partir da aprendizagem em grupo, aprendem a conviver e gostar da diversidade, se tornam mais responsáveis e se preparam para a vida adulta

sabendo que não são iguais aos outros fisicamente, porém não são inferiores e têm o seu valor.

As crianças ditas “normais” ao conviverem com crianças com deficiência se beneficiam ao deixarem de ter preconceito e não se sentirem amedrontadas pelas mesmas tornam-se tolerantes e mais cooperativas, possuem mais responsabilidade com o que as cerca, possuem um rendimento escolar melhor e se tornam mais tolerantes ao conviverem com as diferenças, aceitando e se tornando uma pessoa melhor (FOSSATTI, 2009).

Pacheco *et al.* (2007, p. 59), argumenta que “a colaboração entre lar e escola precisa começar bem antes de os alunos serem apresentados à escola e ser constante durante sua educação escolar.” O aluno e a família devem procurar conhecer o ambiente e se relacionar com ele para que a adaptação seja algo natural e aconteça de forma tranqüila para a criança.

O intercâmbio entre escola e família deve ser facilitado e contínuo durante a permanência do aluno no ambiente escolar e mesmo quando a família estiver à procura de uma escola que se adeque às reais necessidades da criança. Isso facilitará essa parceria que escola e família devem desenvolver em prol da criança atendida pela instituição.

## II OBJETIVOS

### **Objetivo Geral:**

. Investigar a importância da escola e da família atuarem em parceria para que os alunos com baixa visão sejam efetivamente incluídos nas escolas regulares.

### **Objetivos específicos:**

. Apresentar o conceito, a classificação, a etiologia e os sintomas que sinalizam a deficiência visual;

. Identificar o conceito de educação inclusiva, seus principais fundamentos legais e pressupostos;

. Apontar o papel da escola como incentivadora da família no processo de inclusão;

. Investigar a importância da parceria escola-família para a inclusão de alunos com baixa visão, em escola pública regular da cidade satélite de Ceilândia, DF.

## **III METODOLOGIA**

### **3.1. Fundamentação Teórica da Metodologia**

A presente pesquisa foi realizada de forma qualitativa e sistematizada, com revisão bibliográfica, com o intuito de levantar o maior número possível de autores que possam embasar a pesquisa. Ao mesmo tempo, refletir sobre as questões da escola inclusiva, as leis que amparam o atendimento nas escolas, a deficiência visual, a família e a escola e a parceria para atender de forma igualitária a todos os alunos.

A pesquisa de campo foi realizada na modalidade de entrevista, onde se traçou um perfil dos professores participantes, que atuam em sala com alunos com deficiência visual. O enfoque do trabalho é a inclusão escolar.

### **3.2. Contexto da Pesquisa**

Trata-se de uma instituição pública de Ensino Fundamental do Distrito Federal, localizada na cidade satélite de Ceilândia, DF. Durante o período diurno, atendendo séries finais do ensino fundamental e no noturno, primeiro e segundo segmento de Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Localizada em zona urbana, tem uma comunidade diversificada, contendo crianças carentes e crianças de famílias com bom poder aquisitivo. A maioria dos alunos mora nas proximidades da escola e alguns um pouco mais afastados, inclusive em cidade do entorno do DF.

A escola atende 1.762 alunos divididos em três turnos. Desse total de alunos, 34 têm atendimento na sala de recursos.

Com relação ao espaço físico, a escola dispõe de:

- Biblioteca;
- Sala de informática;
- Sala de direção;
- Sala do administrativo;
- Sala de apoio;
- Sala das servidoras;
- Secretaria;
- Sala de orientação pedagógica;
- Sala de professores;
- Sala de coordenação;
- Depósito pedagógico;
- Depósito de material de limpeza;
- Cantina;
- Lanchonete privatizada;
- Banheiro masculino para servidores;
- Banheiro feminino para servidoras;
- Banheiro para meninos;
- Banheiro para meninas;
- 2 pátios pequenos;
- Sala de recursos;
- 17 salas de aula divididas em três pavilhões, sendo que quatro delas dispõem de televisor e dvd;
- 1 quadra de areia;
- 1 quadra descoberta.

As salas de aulas são pouco ventiladas, as carteiras dos alunos são desconfortáveis e o espaço para acomodar as mesmas com os alunos, com conforto é insuficiente.

A escola não é muito limpa, pois alega-se falta de mão de obra para mantê-la. O lanche fornecido pela cantina atende os alunos nos dois turnos e também aos oitenta alunos da escola integral.

A parte externa da escola também não é limpa, os moradores próximos à escola jogam entulho de construção, lixo doméstico e até móveis velhos.

As mesas e cadeiras dos professores são desconfortáveis e também não estão em quantidade suficiente para todos. A direção atual se empenhou em construir uma pequena copa na sala dos professores com microondas, geladeira e fogão para propiciar um ambiente mais confortável e agradável no intervalo dos turnos, para que professores que ficam na escola possam se alimentar de forma adequada.

Com relação ao grupo de profissionais que atuam na escola, eles estão divididos da seguinte forma:

- Diretor;
- Vice diretor;
- 1 professora readaptada na biblioteca ( 20 horas );
- Supervisor pedagógico;
- 3 coordenadores no diurno;
- 1 coordenador no noturno;
- 1 coordenador da escola integral;
- 1 orientadora pedagógica no diurno;
- 1 orientadora pedagógica no noturno;
- 2 professoras para atendimento na sala de recursos;
- 1 Secretária escolar;
- 5 assistentes de secretaria;
- 1 porteiro;
- 1 servidora encarregada de supervisionar a merenda;
- 3 servidores readaptados para auxiliar no apoio pedagógico;
- 08 servidoras da limpeza;

- 3 servidoras terceirizadas para a cantina;
- 74 professores em sala de aula.

Os servidores da escola mantêm uma relação profissional e alguns conseguem se sobressair no clima de aconchego e afetuosidade com os demais.

Os alunos, em geral, gostam de freqüentar a escola, porém acontecem alguns conflitos com relação ao respeito às normas da escola e ao convívio com os demais colegas, mas não chega a ser um ambiente agressivo. Percebe-se que os professores e a direção devem atuar, e atuam constantemente, como mediadores de conflitos para tornar o ambiente escolar o mais agradável possível entre os próprios alunos.

### **3.3. Participantes**

Ao se realizar uma pesquisa na área de educação e enfocando a inclusão, nada mais pertinente então, do que se realizar a coleta de dados “in loco” e com quem está ou deveria estar apto a trabalhar conforme as solicitações de documentos do Ministério da Educação e da Secretaria de Educação do Distrito Federal.

Assim, podemos fazer um levantamento de como realmente se encontra esta escola pública. O preparo do professor para lidar com os deficientes visuais (baixa visão) e também a família envolvida no processo de aprendizagem da criança e qual o suporte que elas têm de acordo com suas necessidades.

A entrevista semi estruturada foi aplicada a sete professores de sala de ensino regular com alunos de inclusão e que possuem pelo menos um aluno com deficiência visual (baixa visão), a uma professora da sala de recursos que faz atendimento aos alunos com deficiência visual (baixa visão), e a mãe de uma aluna com deficiência visual (baixa visão).

Com relação à escolha da professora da sala de recursos, é necessário que possamos perceber como as questões ligadas aos professores de classes regulares são vistas por esse profissional. Também ter um apanhado geral das suas atividades com os alunos deficientes visuais (baixa visão).

A família tem um enfoque especial no trabalho, e como tal não poderia ficar de fora no momento da coleta de dados. Assim, uma mãe de aluna com deficiência visual (baixa visão) também foi entrevistada para que se perceba sua relação com a escola e o que ela percebe que ainda falta frente ao atendimento de alunos com deficiência visual (baixa visão).

Seguem, abaixo, algumas características dos professores entrevistados:

**Professor A:**

47 anos, sexo feminino, atua na profissão há 17 anos e possui pós-graduação. Área de atuação: Geografia.

**Professor B:**

41 anos, sexo masculino, atua na profissão há 22 anos e possui pós-graduação. Área de atuação: Matemática.

**Professor C:**

30 anos, sexo feminino, atua na profissão há 7 anos e possui pós graduação. Área de atuação: Inglês.

**Professor D:**

38 anos, sexo feminino, atua na profissão há 15 anos e possui graduação. Área de atuação: Geografia.

**Professor E:**

29 anos, sexo masculino, atua na profissão há 4 anos e possui pós graduação. Área de atuação: Ciências.



O entrevistado assumiu o cargo de professor da Secretaria de Educação do DF há um mês, devido à sua aprovação no último concurso.

**Professor F:**

22 anos, sexo masculino, atua na profissão há 1 mês e possui graduação.

Área de atuação: Matemática

O entrevistado acabou de se formar em instituição de Ensino Superior e assumiu o cargo de professor da Secretaria de educação do DF devido a sua aprovação no último concurso.

**Professor G:**

42 anos, sexo feminino, atua na profissão há 14 anos e possui pós-graduação.

Área de atuação: Português

**Professora da sala de recursos de Deficiência Visual:**

46 anos, sexo feminino, atua na profissão há 17 anos e possui pós-graduação.

É importante se ter o conhecimento do trabalho realizado na sala de recursos para análise da importância desse trabalho para benefício da família e do aluno envolvido no processo de aprendizagem.

**Mãe de aluno com deficiência visual (baixa visão):**

41 anos, sexo feminino, ensino médio completo, é secretária, mas está desempregada atualmente. Será identificada na pesquisa pelo nome fictício de Ana.

### **3.4. Materiais**

Foram utilizados os seguintes materiais:

- . folhas de papel A4;
- . cartucho preto e branco e colorido;
- . computador para transcrição das entrevistas e escrituração do trabalho.

### **3.5. Instrumentos de Construção de Dados**

O conhecimento é algo que se constrói com muito estudo, observação e prática. Nesse trabalho, a melhor forma de coletar dados e tê-los para análise minuciosa foi possível à partir de questões levantadas no decorrer da pesquisa, sendo importante para que o estudo dos objetivos propostos fossem de fato analisados.

Os instrumentos construídos e utilizados para o levantamento das informações foram questões elaboradas em forma de roteiro de entrevista.

Foram elaborados três roteiros de entrevistas. No roteiro aplicado aos professores constam onze questões, sendo as nove primeiras comuns ao roteiro aplicado à professora de recurso. O roteiro aplicado à professora da sala de recursos também possui onze questões, sendo as duas últimas específicas deste roteiro. O terceiro roteiro foi aplicado à mãe de uma aluna com baixa visão, contendo dez questões elaboradas para esse fim.

### **3.6. Procedimentos de Construção de Dados**

O critério utilizado para a escolha da instituição foi o fato de trabalhar na instituição e a inclusão ser uma realidade da qual não podemos fugir. Nada mais sensato do que procurar respostas para as angústias pessoais e do grupo no qual se inserem alguns casos de alunos com deficiência visual (baixa visão).

A entrevista semi estruturada foi aplicada a sete professores de sala de ensino regular com alunos de inclusão e que possuem pelo menos um aluno com deficiência visual (baixa visão), a uma professora da sala de recursos que faz atendimento aos alunos com deficiência visual (baixa visão), e a mãe de uma aluna com deficiência visual (baixa visão).

A abordagem dos escolhidos para a entrevista foi bem objetiva, enfocando a necessidade de estudar a parceria escola-família e que os mesmos poderiam contribuir, que a participação deles seria muito importante para que o estudo acerca do tema pudesse ter relevância na nossa prática pedagógica. Todos os escolhidos foram solícitos e se dispuseram a responder as perguntas. O vínculo que se tem com os entrevistados é profissional e os mesmos atuam com alunos com deficiência visual. Alguns há mais tempo e outros com pouco tempo de atuação.

A responsável pela aluna com baixa visão foi chamada à escola e compareceu prontamente, se mostrando disposta a participar. Sendo uma pessoa muito gentil e que percebeu que não estava sozinha em seus anseios e angústias perante as dificuldades por ela enfrentadas com a deficiência de sua filha.

A professora da sala de recursos foi contatada e comunicada da necessidade de responder algumas questões relacionadas à sua prática com os alunos DVs (baixa visão), tendo se colocado à disposição para colaborar.

### **3.7. Procedimentos de Análise de Dados**

Ao termos em mãos as entrevistas, é necessário analisar o conteúdo resultante das mesmas. As entrevistas foram transcritas e após analisadas à luz de autores com idéias relevantes de acordo com as questões levantadas, considerando as respostas dos entrevistados, não levando em consideração se são erradas ou não.

A análise dessas respostas é importante para que se possa constatar se as idéias e ações dos entrevistados contemplam ou não os objetivos propostos no início do trabalho.

## IV RESULTADOS E DISCUSSÃO

A entrevista semi estruturada foi aplicada a sete professores de sala de ensino regular que possuem alunos de inclusão, à professora da sala de recursos que faz atendimento aos alunos com deficiência visual (baixa visão) e a mãe de uma aluna com deficiência visual (baixa visão).

**Seguem, abaixo, as perguntas que os entrevistados responderam e as considerações de cada um.**

1) Considerando que a escola pública deve atender a todos os alunos que chegam com algum tipo de deficiência, você acredita que a escola pública está preparada para receber esses alunos?

**Professor A:**

*“Não. Os alunos com deficiência visual carecem de atenção especial e as turmas são muito cheias, impossibilitando ao professor a atenção necessária.”*

**Professor B:**

*“Não. Infelizmente a escola pública não é dotada de recursos físicos, materiais e humanos para atender adequadamente os alunos com algum tipo de deficiência.”*

**Professor C:**

*“As escolas públicas não estão preparadas para receberem esses alunos com baixa visão ou outro tipo de deficiência. A escola num todo não se resume à sala de recursos. Os professores, direção e todos que fazem parte da escola devem receber um treinamento para cuidar do aluno com deficiência na sua especificidade.”*

**Professor D:**

*“Não.”*

**Professor E:**

*“Não.”*

**Professor F:**

*“Não, pois não há nenhum preparo para professores e funcionários. É necessário mais incentivo.”*

**Professor G:**

*“Infelizmente não. Só nesta área, a escola pública no geral não oferece subsídio para desenvolver um trabalho de qualidade.”*

**Professora da Sala de Recursos:**

*“A escola está preparada com bons profissionais mas ainda existe resistência de alguns à inclusão. A escola particular não tem preparo para atender alunos com deficiência. Não investem na inclusão, preferem perder o aluno.”*

Todos os professores responderam que a escola não está preparada para atender a esses alunos, exceto a professora da sala de recursos, que apesar de considerar que a escola está preparada, ressalta que alguns professores são resistentes à inclusão.

Segundo Pacheco *et al.* (2007, p.30):

*Um processo de preparação precisa ser estabelecido dentro da escola, em colaboração com o serviço de apoio, para introduzir alunos com necessidades especiais. Questões como iniciativa, responsabilidade e envolvimento de vários componentes do quadro de pessoal precisam ser decididas.*

Sendo assim, verifica-se a necessidade de que todos os profissionais da escola devem ser e estar preparados para dar o atendimento adequado aos alunos que chegam com algum tipo de deficiência à escola.

2) Você considera necessária a redução do número total de alunos na sala que recebe alunos com deficiência visual?

**Professor A:**

*“Sim. O número de alunos reduzidos em sala proporciona um ambiente mais adequado já que o professor pode dispor de mais tempo.”*

**Professor B:**

*“Acho, pois assim seria possível fazer um atendimento mais individualizado a este aluno.”*

**Professor C:**

*“Sim. É de extrema importância haver essa redução. Infelizmente não é o que acontece na prática, o número de alunos permanece o mesmo que em classes onde não tem inclusão. O professor, despreparado para trabalhar com os alunos com deficiência, se vê numa situação difícil onde a atenção ao aluno com deficiência deve ser redobrada, mas, os alunos da sala precisam ter consciência do que é inclusão social e passarem a ser cooperadores na aprendizagem do aluno com deficiência.”*

**Professor D:**

*“Muito necessário, para que o aluno com deficiência não fique prejudicado, pois o DV necessita de uma atenção mais especial.”*

**Professor E:**

*“Sim.”*

**Professor F:**

*“Sim, pois é facilitada a forma de tratamento diferenciado.”*

**Professor G:**

*“Com certeza, esse é um ponto fundamental para que possamos dar a atenção necessária ao aluno deficiente. Com a realidade que trabalhamos, quarenta alunos por turma, fica difícil dar o suporte que tais alunos precisam.”*

**Professora da Sala de Recursos:**

*“Sim. É importante para o professor ter condição de dar um atendimento maior e individualizado, tendo em vista a necessidade de cada aluno. O sistema não viabiliza a redução. Ela deveria ser automática.”*

Todos os professores consideram importante a redução de alunos nas turmas que possuem alunos com deficiência visual. O atendimento mais individualizado ocorre de forma a beneficiar o aluno com deficiência, além de favorecer um ambiente mais acolhedor e com menos ruído para não dispersar a atenção do aluno durante as atividades.

A estratégia de matrícula das escolas públicas do Distrito Federal (2011) preconiza redução de sete por cento, para as turmas de alunos com deficiência visual. O que na prática seria no máximo trinta e cinco alunos matriculados.

Porém, de acordo com as afirmações do professor C e da professora da sala de recursos a redução não é viabilizada na prática.

3) Você considera que a presença de alunos DV (baixa visão), faz com que a qualidade de ensino na classe regular na qual estão inseridos, seja prejudicada?

**Professor A:**

*“Os alunos com os quais tenho trabalhado são interessados e participativos. Acredito que não atrapalham em nada o andamento em sala de aula. Sua participação é interessante, pois conseguem, entre outras coisas, um bom relacionamento com os colegas.”*

**Professor B:**

*“Não, porém com as salas sem redução de alunos prejudica sim o aluno DV pois não é possível fazer um atendimento.”*

**Professor C:**

*“Se a escola é preparada para trabalhar com os alunos DVs não há problema, o ensino não é afetado, ao contrário da maioria das escolas públicas onde não há o preparo, todos sairão prejudicados. Tudo isso acontece não porque o aluno com DV está lá, mas porque não há o preparo para recebê-lo como ele merece.”*

**Professor D:**

*“Não, acho que só o aluno DV fica prejudicado, porque o professor acaba se perdendo em meio a tantas necessidades e o DV fica de lado, esquecido.”*

**Professor E:**

*“Depende de como se trabalha.”*

**Professor F:**

*“Creio que não, pois como a matéria deve ser explicada com mais cuidado, isso pode reforçar o aprendizado.”*

**Professor G:**

*“De forma alguma. O aluno com qualquer tipo de deficiência jamais influenciará a aprendizagem dos demais alunos.”*

**Professora da Sala de Recursos:**

*“Não acredito, só se o professor usar isso para não trabalhar. Há casos em que as turmas de alunos que acompanho fizeram trabalhos diversificados para a inclusão do aluno. Acredito que os outros alunos são beneficiados, pois aprendem a lidar com a diversidade.”*

Os professores A, B, D, F, G e a professora de sala de recursos responderam que o fato de terem um aluno DV não faz com que o ensino seja prejudicado na turma. O professor C argumenta que quando não há preparo para atender esses alunos, todos os outros alunos e os próprios alunos com deficiência saem prejudicados.

Quando valorizamos o aluno com deficiência visual, não fazendo juízo de valor sobre sua capacidade ou não, a educação inclusiva tem sua função desenvolvida junto a essas crianças (ALVES, 2009). Além disso, é uma oportunidade única para que os outros alunos desenvolvam a interação, a tolerância e o respeito às diferenças convivendo com os alunos deficientes.

4) Você se sente adequadamente capacitado (a) para atender alunos com deficiência visual (baixa visão)?

**Professor A:**

*“Não existe uma capacitação para nós professores, porém os professores itinerantes dão um apoio importante, nos orientando e dando algum suporte.”*

**Professor B:**

*“Não, mas dentro das minhas limitações e com a equipe de professores itinerantes tento melhor atender o aluno.”*

**Professor C:**

*“De forma alguma. Fazer em sala de aula o trivial para cumprir o dever com os alunos com DV é uma coisa, desenvolver um real e eficiente trabalho é outra. Mas independente dessa capacitação não chegar o professor precisa sim desenvolver em sala pelo menos o trivial que é tentar adaptar-se às necessidades do aluno com DV, promover a integração na sala de aula obtendo a inclusão social e buscar se aprimorar, resultando, fazer a parte dele como educador.”*



**Professor D:**

*“Muito pouco.”*

**Professor E:**

*“Não.”*

**Professor F:**

*“Não, porque ainda não tenho experiência suficiente em sala de aula e não tive cursos preparatórios.”*

**Professor G:**

*“Tenho muita dificuldade ao lidar com alunos com esse tipo de deficiência, uma vez que o próprio aluno se sente menos capaz que os outros e o sistema não nos oferece treinamentos para tal problema.”*

**Professora da Sala de Recursos:**

*“Tenho boa qualificação, mas as baixas visões são diferentes de um caso para o outro. Ou seja, a diversidade de casos é muito grande e tenho que estar sempre estudando. Não estou cem por cento preparada o tempo todo. Sinto que precisaria de mais tempo para trabalhar caso a caso e hoje estou com 14 alunos DVs para fazer o atendimento individualizado e ainda ir às escolas onde os alunos estão inseridos em classes regulares para orientar os professores de como trabalhar e fazer a reprodução do material que é passado para os alunos.”*

Ao analisar as respostas dos professores entrevistados, percebe-se que os professores A, B, C, D, E, F e G disseram não se sentirem capacitados para atender os alunos com Deficiência Visual (baixa visão). A professora da sala de recursos respondeu que tem preparo para atender os alunos, mas que um caso é diferente do outro e assim, necessita de atualização constante.

Segundo Mantoan (2005), a formação continuada é de extrema importância para os professores da escola regular. Primeiro porque eles devem conhecer e entender o que é um ensino para as diferenças e não para cada tipo de deficiência, procurando ser aberto e entendendo a heterogeneidade dos grupos que participam do processo pedagógico.

Alves (2009, p.46) diz que: *“alguém tem por obrigação treinar esses profissionais. Não adianta cobrar sem dar subsídios suficientes para uma boa adaptação.”*

Ainda de acordo com Alves (2009), a preparação dos profissionais deveria acontecer desde a Universidade e também com envolvimento do Ministério da Educação, com cursos específicos, de acordo com a necessidade especial a ser atendida pelo professor. Sendo que este deve se sentir confiante para lidar com os alunos que serão incluídos.

Então, no âmbito do Distrito Federal, cabe à Secretaria de Estado de Educação o importante papel de capacitar seus profissionais para que a escola inclusiva se torne uma realidade não só de fato como também de direito.

O desafio do professor em classes regulares é aceitar os alunos com deficiência e perceber que essa aceitação lhe proporcionará o prazer de enriquecer a vida dessas crianças, a sua e a integrá-las às crianças consideradas “normais” para que elas se tornem receptivas ao diferente e respeitando essas diferenças (BUSCAGLIA, 2010).

5) O que você acredita que poderia fazer para se preparar melhor para lidar com esses alunos?

**Professor A:**

*“Gostaria de dispor de materiais concretos, talvez, que facilitassem o estudo de mapas. Sinto falta de cursos preparatórios.”*

**Professor B:**

*“Um curso de capacitação dentro dessa área.”*

**Professor C:**

*“Eu tenho procurado estudar os tipos de deficiência que recebo em minha sala de aula, por enquanto, não fiz nenhum curso na área de alunos com DV mas Libras já estudei, sem até o presente momento usá-la em sala de aula. O professor antes de fazer qualquer curso precisa estudar o que é inclusão social.”*

**Professor D:**

*“Cursos de capacitação.”*

**Professor E:**

*“Além de capacitação, que exista estrutura na escola para isso.”*

**Professor F:**

*“Cursos a partir de incentivo do GDF.”*

**Professor G:**

*“A Secretaria de Educação deveria capacitar o professor para conviver com esse tipo de deficiência.”*

**Professora da Sala de Recursos:**

*“Sinto que preciso de um atendimento emocional (psicólogo na rede) para me fortalecer emocionalmente para lidar com os alunos e a família em casos tão diversos.”*

Os professores A, B, D, E e F acreditam que necessitam de capacitação para terem condições de se prepararem melhor para trabalharem com alunos deficientes visuais (baixa visão).

O professor C procura informações por conta própria quando se depara com casos de alunos deficientes visuais e acredita que antes de qualquer preparo específico, é necessário ter conhecimento sobre a inclusão apontando mais uma vez para a necessidade de capacitação profissional. Alves (2009) diz que os professores devem ser estimulados a procurarem crescimento profissional e nunca deixarem de se atualizar para melhor atender essas crianças que necessitam de atendimento individualizado.

O professor A também sente falta de materiais que facilitem seu trabalho junto a esse aluno.

O professor E acredita que ainda falta estrutura na escola para receber alunos com deficiência visual.

O professor G acredita que a Secretaria de Educação deveria capacitar o professor para atuar com esses alunos.

Os professores, ao serem estimulados a se capacitarem constantemente para atender os alunos com deficiência, se tornarão mais fortes e abertos a se tornarem facilitadores do processo de aprendizagem ( ALVES, 2009).

A professora da sala de recursos aponta para a necessidade de ter um atendimento psicológico para se fortalecer emocionalmente devido à diversidade e a especificidade dos casos que atende.

Emílio (2008) diz que quando se tem um psicólogo escolar que faz parte desse cotidiano, é mais fácil se buscar soluções para as dificuldades que todos os segmentos da escola enfrentam. Nesse processo, todos saem fortalecidos e com disposição para enfrentar todas as dificuldades cotidianas de uma instituição escolar.

Segundo Alves (2009, p.59): “educador inclusivo precisa ter uma clara preocupação do caminho que terá que percorrer para conseguir alcançar os objetivos propostos a todos os alunos, sem exceção.”

Pacheco *et al.* (2007, p. 30) comenta que:

*A preparação dos professores deve almejar dar-lhes um conhecimento especializado sobre as necessidades específicas de determinados alunos. Também deve visar a aumentar as habilidades dos professores de aplicar métodos de ensino, os quais melhoram os aspectos educacionais e sociais de inclusão.*

O planejamento e as estratégias de ensino devem fazer parte do cotidiano do professor, só assim ele conseguirá atingir os alunos deficientes visuais.

6) Como você percebe a interação dos alunos DV(baixa visão) na escola com professores e colegas?

**Professor A:**

*“O alunos com os quais tive contato são pessoas receptivas, facilitando a aproximação de colegas e professores. Também gostam de participar das*

*aulas contribuindo com perguntas, respondendo questionamentos, enfim, são bastante participativos.”*

**Professor B:**

*“Há um pequeno grupo de alunos que ainda discrimina o aluno DV, usando apelidos pejorativos, mas a grande maioria dos alunos o trata de forma acolhedora. Quanto aos professores, há uma certa insegurança quanto ao atendimento desse aluno.”*

**Professor C:**

*“Antes de terem uma deficiência são seres humanos, com a deficiência continuam sendo seres humanos. A partir do momento que todos se enxergam como seres humanos a interação jamais será afetada. Eu vejo que há uma certa discriminação não só com os alunos DVs mas com os alunos com deficiência em geral. O muro deve ser derrubado urgentemente. Chega de barreiras separando, impedindo que a verdadeira inclusão aconteça.”*

**Professor D:**

*“Quase normal.”*

**Professor E:**

*“Ainda não tive essa experiência.”*

**Professor F:**

*“Normal.”*

**Professor G:**

*“O aluno se sente inibido diante dos colegas e do próprio professor, dificultando assim, sua interação no ambiente escolar.”*

**Professora da Sala de Recursos:**

*“As vezes acontece de alguns colegas e professores do aluno rejeitarem, mas normalmente são bem aceitos por professores e colegas.”*

Os professores B e C e o professor da sala de recursos percebem que ainda existe discriminação, verificando-se assim, a necessidade de uma intervenção por parte do professor com os outros alunos da classe, mostrando a questão do respeito e da convivência harmônica entre todos para que o

processo pedagógico possa atingir a todos de forma a contribuir para uma melhor aprendizagem e principalmente a necessidade de aprender a conviver com a diversidade em sala de aula e na escola.

O professor D acredita que acontece a interação quase normal entre o aluno DV e os demais e o professor F acredita que a interação entre os alunos DVs e os demais é normal.

O professor G diz que o aluno DV se sente inibido, o que dificulta sua interação no ambiente escolar.

Percebe-se na fala do professor A que o aluno DV é receptivo, o que facilita a aproximação de colegas e professor.

Souza (2011, p. 31) diz que:

*O movimento pela inclusão constitui-se numa postura ativa de identificação das barreiras que alguns grupos encontram no acesso à educação e também na busca por recursos necessários para ultrapassá-las consolidando um novo paradigma educacional de uma escola aberta às diferenças.*

A autora ainda considera que a educação inclusiva refere-se à capacidade das escolas de atender todos os alunos, independentemente das condições pessoais, sociais e culturais que possam apresentar, sem qualquer tipo de exclusão, valorizando as diferenças dos estudantes como oportunidade de desenvolvimento de alunos e professores.

Alves (2009) comenta que incluir é deixar pertencer, trabalhando a socialização, a emoção e se reconhecendo através da aprendizagem. Somente através da interação com o outro a inclusão é possível.

Sasaki (2001) argumenta que o respeito pelos alunos e pelas suas contribuições e potencialidades individuais constitui uma das atitudes básicas do professor inclusivo.

7) A família do aluno está sempre presente na escola ou só vêm quando é chamada?

**Professor A:**

*“Não tive oportunidade de conhecer os pais dos meus alunos com deficiência visual.”*

**Professor B:**

*“Os alunos que atendi e atendo os pais são muito presentes. Porém são extremamente protetores e isso às vezes atrapalha.”*

**Professor C:**

*“A família que aceita dentro de casa a presença desse membro da família com alguma presença de deficiência, sabe da sua obrigação na educação do mesmo. Quando a escola tem que estar chamando nessa obrigação de educar a algum membro da família ou de todos da família é porque não estão cumprindo com o dever de amar, educar. Com isso o ensino-aprendizagem do aluno sem atenção em casa é prejudicado e na instituição de ensino que trabalho há famílias que não são presentes na educação do aluno.”*

**Professor D:**

*“Sim, está presente.”*

**Professor E:**

*“Não tenho essa experiência.”*

**Professor F:**

*“Não sei.”*

**Professor G:**

*“Infelizmente a família do aluno é bastante ausente, mesmo quando é solicitada sua presença na escola.”*

**Professora da Sala de Recursos:**

*“As famílias são bem presentes e estão prontas a ajudar.”*

Percebe-se nas falas dos professores que ainda têm que melhorar muito a presença das famílias nas escolas. Algumas famílias, mesmo quando solicitadas não comparecem, que algumas famílias ainda são muito protetoras

com essas crianças, o que pode dificultar o trabalho dos profissionais da área de educação.

Pacheco *et al.* (2009, p. 49):

*Considera-se essencial o trabalho colaborativo com os pais, tanto antes da educação escolar da criança como durante a duração integral da mesma. Enfatiza-se a importância de um certo código de igualdade e comunicação entre o lar e a escola estar presente em todos os momentos.*

A escola, com todos os segmentos que dela participam, deve desenvolver ações que façam com que a família seja ativa na vida escolar do filho e também se integre à escola para que a comunicação seja uma via de mão única para o aluno e não haja interferências que atrapalhem o trabalho da escola com a criança deficiente.

8) Você percebe que a família tem disposição em ser parceira da escola para melhor auxiliar o aluno no processo de aprendizagem também em casa?

**Professor A:**

*“Como não conheci os pais dos meus alunos não tenho certeza sobre isso, mas percebo em uma aluna, pelo seu comportamento que provavelmente existe uma atenção especial dos pais, o que faz grande diferença.”*

**Professor B:**

*“Percebo. Porém falta uma sintonia entre Família/Escola/Estado.”*

**Professor C:**

*“Depende da família, pois, pelo fruto se conhece a árvore. Alguns alunos que não tem acompanhamento em casa apresentam déficit de aprendizagem. Essas famílias relapsas jogam a responsabilidade do ensino-aprendizagem todo para a escola.”*

**Professor D:**

*“Sim. A Família tem disposição em ajudar a escola.”*

**Professor E:**

*“Não tenho essa experiência.”*



**Professor F:**

*“Não sei.”*

**Professor G:**

*“Muitas famílias ainda hoje pensam que o seu dever é apenas matricular o filho na escola e cabe a ela auxiliar o aluno no processo de ensino-aprendizagem.”*

**Professora da Sala de Recursos:**

*“Depende da questão financeira. Para comprar um material diferenciado para o aluno, só se tiver condições financeiras. Para participar de palestras e trabalhos, quando solicitado, comparecem. A família não se oferece se não for sensibilizada.”*

Ao responderem essa questão, os professores diversificaram bastante suas respostas.

Fossatti (2009 p.58) diz que: “[...] A sociedade pode ser inclusiva, mas o Estado tem que estar ao seu lado para criar leis e desenvolver ações para que este processo não seja desgastante aos portadores de necessidades especiais.”

É necessária uma união dos três segmentos, família, escola e estado. A parceria depende do tipo de família, e que algumas ainda jogam a responsabilidade do processo ensino-aprendizagem toda para a escola. Só garantir a matrícula do filho na escola não significa que a criança terá sucesso no processo de ensino aprendizagem.

A questão financeira das famílias não deve servir de desculpa para a família não participar das atividades na escola. É necessário que a escola, professores e direção sensibilizem as famílias a participarem com frequência das atividades quando convidadas e diariamente junto com seus filhos.

09) Em sua opinião, qual a importância da parceria escola-família para o desenvolvimento do aluno com baixa visão?

**Professor A:**

*“Os alunos que têm acompanhamento em casa são mais seguros, se organizam melhor e demonstram mais interesse.”*

**Professor B:**

*“Somente através dela e com o apoio do estado os alunos com baixa visão e com outras limitações serão devidamente atendidas.”*

**Professor C:**

*“Uma ótima parceria quem lucra é o aluno DV.”*

**Professor D:**

*“O auxílio constante dos pais facilita amenizar a insuficiente assistência do professor.”*

**Professor E:**

*“Importância total.”*

**Professor F:**

*“Na verdade essa parceria é essencial para qualquer aluno, afinal a escola não é uma creche a qual os alunos são deixados. Tanto o aprendizado como uma educação de cidadão, são papéis fundamentais da escola e a orientação dos pais para uma ação contínua é de suma importância.”*

**Professor G:**

*“É de suma importância esta parceria, porém infelizmente a família é muito ausente. Acha que é papel da escola ajudar o aluno, educá-lo, prepará-lo para a vida.”*

**Professora da Sala de Recursos:**

*“É importante para o desenvolvimento pessoal do aluno. A família mais presente, que vai à sala de recursos com frequência com o aluno, o mesmo tem um desempenho melhor. Melhora a auto-estima, a socialização, a auto-confiança e a aprendizagem. O aluno que não comparece à sala de recursos não têm o mesmo desenvolvimento na auto-estima, na auto-confiança, na aprendizagem e na socialização.”*

Pacheco *et al.* (2009) fala que o papel dos pais deve ter uma relevância no desenvolvimento do aluno com deficiência. Quando os pais participam da educação dos filhos, é sempre positivo o resultado dos filhos com relação aos rendimentos, além de colaborar com o trabalho que a escola faz.

Todos os entrevistados foram unânimes ao dizer que quando a família e a escola estão juntas, quem ganha é o aluno.

Já o aluno que não tem essa parceria, não consegue se desenvolver da mesma forma. Seu rendimento escolar geralmente não é bom e a escola têm uma dificuldade grande em socializar esse aluno com os demais.

Cada instituição tem seu papel para ajudar a desenvolver um cidadão pleno e sabedor dos seus direitos e deveres. Porém, se há cooperação, o trabalho fica muito mais fácil para ambas e a criança se sentirá muito mais preparada para novos desafios de aprendizagem.

A escola deve estar preparada para receber esses alunos e assim, fica claro que todos têm muito a aprender para que o processo inclusivo se torne de fato uma realidade nas nossas escolas.

**As questões números 10 e 11 foram aplicadas somente aos professores A, B, C, D, E, F e G.**

10) A escola onde você trabalha promove ações voltadas para a efetiva participação das famílias no processo de aprendizagem de seus alunos?

**Professor A:**

*“Não.”*

**Professor B:**

*“Não.”*

**Professor C:**

*“Há na escola a abertura para a comunidade participar, mas, poucos são os que se interessam. Além disso, há o Conselho Escolar que promove a interação pais, professores e escola.”*

**Professor D:**

*“Sim. Há reunião no início do ano para todos os pais, além das reuniões bimestrais e todas as segundas-feiras as coordenações são reservadas para os professores atenderem os pais de forma individualizada.”*

**Professor E:**

*“Sim.”*

**Professor F:**

*“Sim, como projetos culturais e horários de coordenação destinados a esse fim.”*

**Professor G:**

*“Sempre que possível, pois sabemos que a parceria escola-família é fundamental para o desenvolvimento do educando.”*

Os professores A e B disseram que a escola não possui ações voltadas para a efetiva participação das famílias no processo de aprendizagem dos alunos.

O professor C diz que a escola dá abertura para que a comunidade participe mas são poucos os que se interessam. O conselho escolar serve para promover a interação entre pais, professores e escola.

Professor D considera que as reuniões no início do ano letivo, as reuniões bimestrais e as coordenações das segundas feiras servem para que a família possa participar do processo de aprendizagem dos filhos.

O professor E diz que a escola dá abertura para a família participar.

O professor F que os projetos culturais e as coordenações tem a finalidade das famílias participarem do processo de aprendizagem dos filhos.

O professor G diz que sempre que possível a escola promove ações para que a família participe, o que é fundamental para o desenvolvimento do educando.

Pacheco *et al.* (2009, p.163) diz que

*É de vital importância que todas as escolas enfatizem a colaboração entre lar e escola. Isso pode ser feito reforçando-se as linhas de comunicação, assim como encorajando-se a discussão conjunta de questões, soluções e o processo de tomada de decisões em relação à situação acadêmica e social de um aluno.*

A escola deve realizar ações em que a família seja convocada a participar de forma colaborativa e decidindo juntamente com professores, estratégias que tornem o desenvolvimento social e a aprendizagem significativa para a criança com deficiência.

11) Você solicita o apoio da professora da sala de recursos para auxiliá-la na produção de material para o aluno? Em caso afirmativo, como se dá esse apoio? Você considera esse apoio suficiente?

**Professor A:**

*“Recebi algumas orientações que tenho colocado em prática. As professoras da sala de recursos, sempre que necessário têm me ajudado.”*

**Professor B:**

*“Dentro do possível e das orientações recebidas pelas professoras itinerantes eu mesmo produzo os materiais para o aluno e providencio equipamentos como lentes e lupas. As minhas atividades são produzidas com cópias para esses alunos (tamanho de fonte, cor etc).”*

**Professor C:**

*“Se caso eu precise, procuro sim a sala de recursos. Apesar de achar que a professora poderia aparecer com mais frequência, sem eu precisar chamá-la à comparecer na escola. O apoio se dá com a presença delas tirando as dúvidas, se precisar ampliar algum livro ela o faz. Volto a dizer que esse apoio seria melhor se viesse à escola com mais frequência.”*

**Professor D:**

*“Sim, reproduzindo o material no tamanho adequado e auxiliando o aluno nas atividades extraclasse.”*

**Professor E:**

*“Não tenho essa experiência.”*

**Professor F:**

*“Não, pois ainda estou me adaptando ao processo de ensino, ou seja, estou conhecendo os recursos administrativos escolares.”*

**Professor G:**

*“Toda ajuda é bem vinda, principalmente quando se trata de alunos com deficiência. Agora, suficiente não é, mas já ajuda bastante. Deveríamos ser preparados pelo sistema para lidar com essa deficiência.”*

O professor A diz que recebe orientação da professora da sala de recursos e que as coloca em prática com os alunos DVs

O professor B produz os materiais de acordo com as orientações recebidas da professora da sala de recursos e providencia outros materiais para os alunos como: lentes e lupas.

O professor C diz que quando precisa procura a professora da sala de recursos. Acha que ela poderia estar mais freqüente com os professores e elas dão apoio tirando dúvidas.

O professor D acredita que recebe auxílio pois a professora da sala de recursos amplia o material e auxilia os alunos nas atividades extraclasse.

O professor E ainda não teve contato com a professora da sala de recursos, professor F ainda está reconhecendo os recursos que ele têm disponíveis.

Os professores E e F têm pouco tempo trabalhando com aluno DV (baixa visão) e ainda estão se adequando à prática pedagógica com alunos com deficiência visual. O professor G acredita que o apoio não é suficiente.

De acordo com o caderno de Orientação Pedagógica da Educação Especial, da SEEDF (2010), e conforme a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva do Ministério da Educação – MEC/SEESP (2008), o atendimento educacional especializado tem como função identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade que elimine as barreiras para a plena participação dos estudantes, considerando suas necessidades específicas.

O professor da sala de recursos tem como atribuição atuar de forma colaborativa com o professor de classe comum e assim, traçarem estratégias pedagógicas que ajudem o aluno com deficiência visual (baixa visão).

De acordo com o caderno de Orientação Pedagógica da Educação Especial, da SEEDF (2010), o aluno deficiente visual tem atendimento individualizado com uma professora habilitada para tal finalidade. Nesse atendimento, trabalha-se com técnicas que possam ajudar a criança a desenvolver autonomia e independência. Além de estimular o processo de aprendizagem do aluno, bem como orientar as famílias para a sua efetiva participação no processo de aprendizagem.

**Perguntas específicas aplicadas somente para a professora da sala de recursos (questões números 10 e 11).**

10) Faça um breve relato das atividades que você desenvolve com os alunos DV (baixa visão) na sala de recursos.

*“Desenvolvo atividades tais como: treino de lupa, sorobã, Braille, treino de quadro, ampliação de fonte, higiene pessoal, trabalho a auto-estima dos alunos, a socialização, adaptação de material, jogos pedagógicos, orientação quanto aos seus deveres e direitos (passe livre, inserção no mercado de trabalho, cursos voltados para alunos DVs, etc).”*

De acordo com o caderno de Orientação Pedagógica da Educação Especial, da SEEDF (2010), e conforme a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva do Ministério da Educação – MEC/SEESP (2008), as atividades desenvolvidas no atendimento educacional especializado devem ser diferentes daquelas realizadas em sala de aula regular e não as substituem. As salas de recursos para deficientes visuais devem ser específicas para esse tipo de atendimento.

No caderno, Orientação Pedagógica da Educação Especial, da SEEDF (2010), a professora da sala de recursos tem papel fundamental no processo de inclusão desses alunos com deficiência visual pois cabe a ela trabalhar ações, juntamente com demais professores e escola como um todo para a

interação do aluno no grupo e também envolver a família no processo educativo da criança.

Quando o aluno dispõe desse atendimento, com certeza ele conseguirá enfrentar as dificuldades diárias na escola com muito mais estímulo e assim, será difícil o mesmo não se sentir estimulado a continuar se desenvolvendo em todos os seus aspectos.

11) Quais as dificuldades que você percebe durante a realização dessas atividades com os alunos os quais você atende?

*“Falta de material, quando os alunos chegam são muito resistentes (rejeição ao toque e aos trabalhos). Com o tempo eles se aproximam e se sentem mais adaptados, aceitando o atendimento e desenvolvendo melhor a afetividade.”*

A professora da sala de recursos afirma que falta material e que os alunos são muito resistentes ao trabalho no início. Com o tempo, segundo a entrevistada, a aproximação melhora e o trabalho flui, além da afetividade, se bem desenvolvida, que melhora muito, tornando o adolescente mais afetivo e afetuoso.

Ao realizar uma comparação entre as respostas dos professores da classe de ensino regular e da professora da sala de recursos, percebe-se que nas questões 2, 3, 6 e 9, os mesmos compartilham de opiniões semelhantes, como a redução do número de alunos em sala de aula, que a qualidade de ensino da classe regular não piora com a presença dos alunos com deficiência visual, a interação dos alunos com deficiência visual é boa com colegas e professores, como a parceria da escola-família para o desenvolvimento de alunos com baixa visão é importante.

As respostas de números 1, 4, 5, 7, 8 e 10 ocorrem divergências de acordo com a especificidade do trabalho dos mesmos. Com relação ao preparo do professor e da escola para receber esses alunos, Os professores da classe regular não se sentem preparados, a professora da sala de recursos disse precisar de mais tempo com os alunos, alguns professores sentem falta de capacitação e outros sentem falta de material para trabalhar com esses alunos,



alguns professores têm pouco ou não tiveram contato com as famílias, alguns professores argumentam que a responsabilidade da educação das crianças fica para a escola e a professora da sala de recursos argumenta sobre a questão financeira, que os pais não querem arcar.

Os professores da sala de ensino regular percebem que é importante o intercâmbio entre eles a professora da sala de recursos, pois ela geralmente realiza o atendimento aos alunos por um tempo maior e de forma individualizada, o que possibilita uma oportunidade maior para reconhecer características específicas dos alunos, como a facilidade para aprendizagem de algumas disciplinas e técnicas que se adequem melhor às necessidades de cada aluno. Geralmente é um pouco mais complicada essa atenção ao aluno com deficiência visual devido às salas superlotadas, o que torna difícil o professor de classe regular dar a atenção que esses alunos necessitam de forma a atendê-los integralmente.

#### **Entrevista aplicada à Ana:**

1) Seu (sua) filho (a) gosta de ir à escola?

**Ana:** *“Não. Porque sente dificuldades com a visualização do quadro e de relacionamento dos colegas.”*

2) Como você percebeu que seu (sua) filho (a) necessitava de atendimento diferenciado dos demais alunos?

**Ana:** *“Aos nove anos, pela dificuldade de acompanhar as atividades que a professora passava no quadro. Antes dessa idade, todo o material que a criança usava era digitado pelas professoras para o processo de alfabetização e a criança desenvolvia as atividades tranquilamente. Percebi o problema, minha filha foi encaminhada a um médico da própria Secretaria de Educação que não conseguiu detectar o problema. Após muitas idas e vindas à especialistas é que chegou-se à um laudo do que ela tinha.”*

3) Você acha que os professores estão preparados para trabalhar com seu (sua) filho (a), a fim de que ele (a) possa ter um bom desempenho escolar?

**Ana:** *“Falta preparo da maioria dos professores. Se na lista de chamada já tem a identificação do problema da criança, os professores já deveriam estar preparados para trabalhar com o aluno.”*

4) Quem ajuda seu (sua) filho (a) nas atividades escolares que são enviadas para casa?

**Ana:** *“Eu e a irmã de dezoito anos.”*

5) Você acredita que a deficiência visual (baixa visão) prejudica a aprendizagem do seu (sua) filho (a)?

**Ana:** *“Prejudica, pois ela não se sente estimulada a ler e é muito difícil encontrar material ampliado.”*

6) Você considera que a escola oferece o suporte necessário, como esclarecimentos e informações para que você possa ajudar seu (sua) filho (a)?

**Ana:** *“Sim. Mas pode melhorar.”*

7) Em sua opinião, qual o papel da escola frente ao desenvolvimento de um aluno com DV (baixa visão)?

**Ana:** *“Precisa melhorar muito. Mas só o fato de já ter a inclusão é importante, pois todos são iguais. Os alunos precisam se sentir iguais. Eu digo para minha filha: O mundo é o mesmo para todos, só que você tem limitação e o mundo não vai mudar por causa do seu problema.”*

8) E qual o papel da família frente ao desenvolvimento de um aluno com DV (baixa visão)?

**Ana:** *“A família precisa apoiar a criança em todos os aspectos. Eu larguei o emprego para levar minha filha à escola e à sala de recursos onde ela faz atendimento.”*

9) Que tipos de benefícios a parceria escola-família pode trazer aos alunos com DV (baixa visão)?

**Ana:** *“A criança sente que a família está mais próxima dela e melhora a auto-estima. Se sente mais forte para enfrentar as dificuldades.”*

10) Você acha que sua participação na escola é suficiente ou você poderia participar mais para ajudar seu (sua) filho (a) com as atividades escolares?

**Ana:** *“Acho que devo participar mais. Devo cobrar mais da escola e cobrar da criança, pois a vida da criança não vai parar e o que ela aprender fará parte da vida dela no futuro.”*

Ao analisar as respostas dadas por Ana pode-se levar em consideração os seguintes aspectos:

O fato da aluna não gostar de freqüentar a escola, como Ana deixa claro na questão 1, é uma atitude justificada pelas barreiras que a aluna enfrenta no relacionamento interpessoal com os colegas e também as barreiras físicas impostas pelo fato de não conseguir ter uma visualização clara do quadro.

Buscaglia (2010) deixa claro que as respostas da sociedade afetam as ações, os sentimentos e as interações dos deficientes, que a sociedade pode influenciar e limitar suas ações e também mudarem seus sentimentos em relação a eles mesmos. Também pode afetar a interação com as outras pessoas, o que fica bem claro quando a mãe diz que a criança não gosta de freqüentar a escola, pois as dificuldades de se relacionar com outras crianças é uma barreira que é difícil a princípio, de ser superada.

Na resposta de Ana à questão 2, percebe-se claramente as dificuldades encontradas pela família para receber um diagnóstico correto quanto ao problema visual que a criança possui.

Buscaglia (2010) argumenta que os profissionais envolvidos com os deficientes e suas famílias devem ser cientes de que é necessária uma orientação eficiente para que eles se ajustem mental, física e emocionalmente com a nova realidade e assim, poderem ter esperança e compreensão para o desafio de auto-realização, independentemente da deficiência.

Ana comenta que a maioria dos professores não estão preparados para trabalhar com crianças com deficiência visual (baixa visão).

Mantoan (2010) aponta que o professor precisa conhecer bem o ensino para as deficiências e não apenas uma deficiência. Ou seja, é necessário que ele também se inclua no contexto da Educação Inclusiva. O professor não deve se sentir à margem do processo, sua participação efetiva é que tornará a inclusão da criança com deficiência bem sucedida.

No relato de Ana, questão número 02, evidencia-se que há envolvimento dos familiares, no caso da irmã e da mãe para ajudar a criança em casa.

Buscaglia (2010) diz que o pai e a mãe formam a cabeça da família, mas existem os relacionamentos intra familiares, no caso aqui visto, irmã-irmã, em que um exerce influência sobre os outros.

A mãe apresenta uma percepção de que a deficiência visual prejudica o desenvolvimento de sua filha e também pela dificuldade em encontrar material ampliado para facilitar a leitura por parte da mesma.

Quando a sala de recursos funciona adequadamente, cabe à mesma disponibilizar materiais didáticos ampliados e atender a necessidade desse aluno com outros materiais que enriqueçam o processo de aprendizagem.

Na questão 6, a mãe diz que a escola oferece suporte para atender esclarecimentos e informações, mas ainda tem que melhorar.

Na questão 7, ela argumenta que o atendimento ao DV ainda precisa melhorar muito, mas que ter a inclusão nas escolas de ensino regular é um avanço e que a filha deve se adequar ao mundo, que não vai mudar devido à sua deficiência.

Quando questionada sobre a participação da família, Ana deixa claro que esta deve apoiar a criança em vários aspectos e que ela deixou o emprego para poder ajudar na locomoção da filha à escola e à sala de recursos, que acontece no contra turno.

De acordo com o caderno de Orientação Pedagógica da Educação Especial, da SEEDF (2010), o professor da Sala de Recursos tem como uma de suas atribuições, orientar as famílias para que elas se envolvam e participem do processo educacional dos filhos.

Nesse caso, a mãe tem papel fundamental no desenvolvimento da filha e na sua participação efetiva tanto na escola como na sala de recursos.

Ana diz que quando a família desenvolve a parceria com a escola, a criança sente que a família está próxima e se sente mais preparada para enfrentar os desafios do dia-a-dia.

Pacheco *et al.* (2009) diz que a escola ao desenvolver ações colaborativas entre família e escola, a comunicação deve ser feita de forma a desenvolver uma relação que traga benefícios às duas instituições no trabalho com a criança.

Nas questões 9 e 10 a mãe diz que deve participar mais na escola e cobrar mais da mesma e da criança para que ela tenha uma aprendizagem que seja significativa para seu futuro. Ainda de acordo com Pacheco *et al.* (2009, p. 163), “toda escola precisa formar uma política holística sobre colaboração entre o lar e a escola e sobre o qual ela deve ser sustentada.”

À mãe, cabe exercer cada vez melhor o seu papel, e cobrar da escola para que esta política ocorra de forma efetiva e que todos participem a fim de colaborarem para o sucesso do processo inclusivo na escola de ensino regular.

## V CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inclusão no Brasil é uma realidade da qual não podemos nos furtar. Mas mesmo com essa realidade fazendo parte das escolas, ainda existe muito trabalho a ser feito. Os pais necessitam de melhores orientações para saberem como lidar com seus filhos nas questões ligadas aos aspectos afetivos e emocionais e também para se conscientizarem da importância da parceria família-escola para que seus filhos tenham êxito no processo ensino aprendizagem nas escolas nas quais estão incluídos.

Quando a família participa efetivamente estimulando a criança na escola regular e na sala de recursos, mesmo que seja falando da importância da frequência a esses lugares, percebe-se claramente que o desenvolvimento é real para o DV e o ganho com relação à confiança que ele passa a ter em si é muito grande.

Os professores necessitam de um suporte maior da instituição em que trabalham, no caso a Secretaria de Educação do Distrito Federal, para que possam se qualificar de forma a atender melhor esses alunos.

A questão da redução de turmas é ponto imprescindível para que se tenha um atendimento de qualidade dos alunos com baixa visão nas classes de ensino regular. Uma turma com mais de quarenta alunos torna inviável a realização de um trabalho adequado, dando atendimento personalizado aos alunos deficientes visuais (baixa visão)

É necessário também, um trabalho de sensibilização para que os professores se disponham a procurar capacitação para atenderem esses alunos com segurança, sabendo que estão preparados para dar o melhor atendimento possível a eles. Essa sensibilização deve ser feita pela direção, professora da sala de recursos e pela própria instituição, assim, mais professores despertarão para a necessidade de conhecerem melhor o processo de inclusão que é feito com esses alunos.

Para futuros trabalhos investigativos, seria relevante pesquisar o que poderia motivar o professor a trabalhar de forma diferenciada com os alunos com deficiência visual (baixa visão) e como desenvolver processos de intervenção para que a família se torne cada vez mais participativa no processo de aprendizagem do aluno.

Quando a escola e a família são parceiras, ou seja, trabalham de forma conjunta na educação dos filhos, só quem tem à ganhar são as crianças. No caso dos alunos deficientes, essa parceria entre as duas instituições deve ser ainda mais estreita. Ou seja, elas devem estar sempre em contato, se comunicando para que a criança seja bem atendida em suas rotinas diárias nos dois ambientes.

Cabe também à escola desenvolver projetos em que a família seja inserida e possa opinar sobre as necessidades da criança com deficiência que é atendida. Assim, ela se sentirá em um ambiente acolhedor e que realmente se preocupa com seu desenvolvimento integral.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Fátima. **Muitos olhares, vários caminhos e um grande desafio**. 4. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2007.

BRASÍLIA. **Orientação Pedagógica – Educação Especial**. Secretaria Estado de Educação do Distrito Federal. Distrito Federal, 2010.

BUSCAGLIA, Leo. **Os deficientes e seus pais: um desafio ao aconselhamento**. 6 ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.

Deficiência Visual – Artigo da Ler para ver – Cego precisa sempre de ajuda? 29 de maio de 2009. Disponível em: <http://www.lerparaver.com/node/7677> acessado em: 08/03/2011.

EMÍLIO, Solange Aparecida. **Grupos e inclusão escolar: sobre laços, amarras e nós**. São Paulo: Paulus, 2008.

FOSSATI, Mônica Lanner. **Metalexia: Uma pedagogia para o deficiente Visual**. 1Ed. Porto Alegre: Letra & Vida: 2009.

MANTOAN, Maria Tereza. **Todas as crianças são bem vindas à escola**. Disponível em: <http://educacaoolivrepensar.blogspot.com/2010/06/entrevista-com-mariateresa-mantoan.html>. Acesso em: 23 de março de 2011.

MANTOAN, Maria Tereza. **Escola de atenção as diferenças**. Disponível em: [http://www.tvbrasil.org.br/saltoparaofuturo/entrevista.asp?cod\\_Entrevista=76](http://www.tvbrasil.org.br/saltoparaofuturo/entrevista.asp?cod_Entrevista=76). Acesso em: 23 de março de 2011

PACHECO, José et al. **Caminhos para a inclusão: um guia para o aprimoramento da equipe escolar**. 1 Ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

Programa de Capacitação de recursos humanos do ensino fundamental. **Educação Especial – Caderno de Estudos**. Rio de Janeiro, EAD/FESP RJ, 1998.

KELMAN, Celeste Azulay. Módulo III – Sociedade, **Educação e Cultura**. UAB/UnB. Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar. Disponível em: <http://uab.unb.br/moodle/mod/resource/view.php?id=43373>. Acesso em: 01 de dezembro de 2009.

KELMAN, Celeste Azulay. **Módulo III – Sociedade, educação e cultura**. UAB/Unb. Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e



InclusãoEscolar.Disponível em:<<http://uab.unb.br/moodle/mod/resource/view.php?id=43373>>. Acesso em: 01/12/2009.

RAPOSO, Patrícia NEVES; CARVALHO, Erenice Natalia S. de. **A pessoa com Deficiência Visual na Escola**. Módulo 6, Brasília: editora UnB, 2010.

REILY, Lucia. **Escola Inclusiva: Linguagem e mediação**. 2 ed. São Paulo: editora Papyrus, 2006.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **A educação inclusiva e os obstáculos a serem transpostos**. São Paulo: Jornal dos Professores, n.343, fev.2003. p. 15. Disponível em: <http://www.unimep.br/inclusao/texto.html>. Acesso em: 23 de março de 2011.

SOARES, Angela da Silva. **Pressupostos da educação inclusiva**. Disponível em:<http://www.artigonal.com/educacao-artigos/pressupostos-da-educacao-inclusiva-1080600.html> publicado em 29/07/2009. Acessado em: 20 de março de 2011.

SOUZA, Amaralina Miranda. **Por uma escola mais plural**. In: Obstáculos Educacionais afetam os portadores de Necessidades Especiais. Correio Brasiliense de 09/01/2011. Brasília. p.30-31.

REVISTA BOA FORMA. **Trauma Ocular: Grande Causa de Cegueira Que Pode Ser Evitada**. Disponível em: <<http://boasaude.uol.com.br/lib/ShowDoc.cfm?LibDocID=3580&ReturnCatID=1780>>. Acesso em: 20 de março de 2011.

## APÊNDICES

## Questionário aplicado aos professores



Universidade de Brasília – UnB  
 Instituto de Psicologia – IP  
 Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano  
 Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde PGPDS



Cursista: Sebastiana Cecília Ramos Dutra Borges

Orientadora: Riane Natália Soares Vasconcelos

Gostaria que você colaborasse respondendo esta entrevista. Quero ressaltar que não existem respostas certas e nem erradas, portanto, é muito importante que você responda com sinceridade todas as questões. **Não deixe nenhuma em branco.** Suas respostas são confidenciais e serão mantidas em absoluto sigilo, preservando sua identidade.

**Monografia:** A IMPORTÂNCIA DA PARCERIA ESCOLA-FAMÍLIA PARA A INCLUSÃO DE ALUNOS COM BAIXA VISÃO.

## I- IDENTIFICAÇÃO:

- 1) Idade \_\_\_\_\_
- 2) Profissão \_\_\_\_\_
- 3) Sexo ( ) Masculino ( ) Feminino
- 4) Tempo de atuação na SEEDF \_\_\_\_\_
- 5) Grau de instrução:
  - ( ) Graduação
  - ( ) Pós-graduação
  - ( ) Mestrado
  - ( ) Doutorado
- 6) Tempo que atua com alunos com deficiência visual \_\_\_\_\_

## II – QUESTÕES:

Entrevista aos professores de alunos com DV (baixa visão), sala de ensino regular (Ensino Fundamental II).

- 1) Considerando que a escola pública deve atender a todos os alunos que chegam com algum tipo de deficiência, você acha que a escola pública está preparada para receber esses alunos?

- 2) Você considera necessária a redução do número total de alunos na sala que recebe alunos com deficiência visual?
- 3) Você considera que a presença de alunos DV(baixa visão), faz com que a qualidade de ensino na classe regular a qual estão inseridos, seja prejudicada?
- 4) Você se sente adequadamente capacitado (a) para atender alunos com deficiência visual (baixa visão)?
- 5) O que você acredita que poderia fazer para se preparar melhor para lidar com esses alunos?
- 6) Como você percebe a interação dos alunos DV(baixa visão) na escola com professores e colegas?
- 7) A família do aluno está sempre presente na escola ou só vêm quando é chamada?
- 8) Você percebe que a família tem disposição em ser parceira da escola para melhor auxiliar o aluno no processo de aprendizagem também em casa?
- 9) Em sua opinião, qual a importância da parceria escola-família para o desenvolvimento do aluno com baixa visão?
- 10) A escola onde você trabalha promove ações voltadas para a efetiva participação das famílias no processo de aprendizagem de seus alunos?
- 11) Você solicita o apoio da professora da sala de recursos para auxiliá-la na produção de material para o aluno? Em caso afirmativo, como se dá esse apoio? Você considera esse apoio suficiente?

## Questionário aplicado à professora da sala de recursos



Universidade de Brasília – UnB  
 Instituto de Psicologia – IP  
 Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano  
 Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde PGPDS



Cursista: Sebastiana Cecília Ramos Dutra Borges  
 Orientadora: Riane Natália Soares Vasconcelos

Gostaria que você colaborasse respondendo esta entrevista. Quero ressaltar que não existem respostas certas e nem erradas, portanto, é muito importante que você responda com sinceridade todas as questões. **Não deixe nenhuma em branco.** Suas respostas são confidenciais e serão mantidas em absoluto sigilo, preservando sua identidade.

**Monografia:** A IMPORTÂNCIA DA PARCERIA ESCOLA-FAMÍLIA PARA A INCLUSÃO DE ALUNOS COM BAIXA VISÃO

I – IDENTIFICAÇÃO:

- 1) Idade \_\_\_\_\_
- 2) Profissão \_\_\_\_\_
- 3) Sexo: ( ) Masculino ( ) Feminino
- 4) Tempo de atuação na SEEDF \_\_\_\_\_
- 5) Grau de instrução:
  - ( ) Graduação
  - ( ) Pós-graduação
  - ( ) Mestrado
  - ( ) Doutorado
- 6) Tempo que atua com alunos com deficiência visual \_\_\_\_\_

II – QUESTÕES:

Entrevista com a professora da sala de recursos que atende os alunos com baixa visão.

- 1) Considerando que a escola pública deve atender a todos os alunos que chegam com algum tipo de deficiência, você acha que a escola pública está preparada para receber esses alunos?
- 2) Você considera necessária a redução do número total de alunos na sala que recebe alunos com deficiência visual?
- 3) Você considera que a presença de alunos DV(baixa visão), faz com que a qualidade de ensino na classe regular a qual estão inseridos seja prejudicada?
- 4) Você se sente adequadamente capacitado para atender alunos com deficiência visual (baixa visão)?
- 5) O que você acredita que poderia fazer para se preparar melhor para lidar com esses alunos?
- 6) Como você percebe a interação dos alunos DV(baixa visão) na escola com professores e colegas?
- 7) A família do aluno está sempre presente na escola ou só vêm quando é chamada?
- 8) Você percebe que a família tem disposição em ser parceira da escola para melhor auxiliar o aluno no processo de aprendizagem também em casa?
- 9) Em sua opinião, qual a importância da parceria escola-família para o desenvolvimento do aluno com baixa visão?
- 10) Faça um breve relato das atividades que você desenvolve com os alunos DV (baixa visão) na sala de recursos.
- 11) Quais as dificuldades que você percebe durante a realização dessas atividades com os alunos os quais você atende?

## Questionário aplicado ao responsável por aluna deficiente visual



Universidade de Brasília – UnB  
Instituto de Psicologia – IP  
Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano  
Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde PGPDS



Cursista: Sebastiana Cecília Ramos Dutra Borges

Orientadora: Riane Natália Soares Vasconcelos

Gostaria que você colaborasse respondendo esta entrevista. Quero ressaltar que não existem respostas certas e nem erradas, portanto, é muito importante que você responda com sinceridade todas as questões. **Não deixe nenhuma em branco.** Suas respostas são confidenciais e serão mantidas em absoluto sigilo, preservando sua identidade.

**Monografia:** A IMPORTÂNCIA DA PARCERIA ESCOLA-FAMÍLIA PARA A INCLUSÃO DE ALUNOS COM BAIXA VISÃO

I - IDENTIFICAÇÃO:

- 1) Idade \_\_\_\_\_
- 2) Sexo: ( ) Masculino ( ) Feminino
- 3) Profissão \_\_\_\_\_
- 4) Escolaridade \_\_\_\_\_

II – QUESTÕES:

Entrevista com responsável de aluno deficiente visual (baixa visão).

- 1) Seu (sua) filho (a) gosta de ir à escola?
  
- 2) Como você percebeu que seu (sua) filho (a) necessitava de atendimento diferenciado dos demais alunos?

- 3) Você acha que os professores estão preparados para trabalhar com seu (sua) filho (a), a fim de que ele (a) possa ter um bom desempenho escolar?
- 4) Quem ajuda seu (sua) filho (a) nas atividades escolares que são enviadas para casa?
- 5) Você acredita que a deficiência visual (baixa visão) prejudica a aprendizagem do seu (sua) filho (a)?
- 6) Você considera que a escola oferece o suporte necessário, como esclarecimentos e informações para que você possa ajudar seu (sua) filho (a)?
- 7) Em sua opinião, qual o papel da escola frente ao desenvolvimento de um aluno com DV (baixa visão)?
- 8) E qual o papel da família frente ao desenvolvimento de um aluno com DV (baixa visão)?
- 9) Que tipos de benefícios a parceria escola-família pode trazer aos alunos com DV (baixa visão)?
- 10) Você acha que sua participação na escola é suficiente ou você poderia participar mais para ajudar seu (sua) filho (a) com as atividades escolares?



## **Anexos**

## A - Carta de Apresentação – Escola



Universidade de Brasília – UnB  
 Instituto de Psicologia – IP  
 Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano  
 Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde PGPDS



### Carta de Apresentação

Ilmo Senhor Diretor:

Estou desenvolvendo uma pesquisa, intitulada “A importância da parceria escola- família para a inclusão de alunos com baixa visão”, tendo como o objetivo geral: verificar como a escola e a família participam do processo inclusivo de alunos com deficiência visual.

Como vossa senhoria é responsável por essa instituição de ensino, gostaria que fosse autorizada uma entrevista semi-estruturada com membros do corpo docente das turmas em que os alunos deficientes visuais estão matriculados e também com um responsável por aluno deficiente visual (baixa visão).

As informações obtidas através da entrevista serão analisadas coletivamente, sendo que a identidade da instituição e dos entrevistados serão preservados integralmente. O resultado final da pesquisa será apresentado ao Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, da Faculdade UAB/UNB - Pólo de Alexânia/GO sob a orientação da Professora Mestre Riane Natalia Soares Vasconcelos.

A qualquer momento, Vossa Senhoria pode entrar em contato com a pesquisadora, Professora Sebastiana Cecília Ramos Dutra Borges, através do endereço eletrônico explicitado a seguir.

[ceciliaborges.uab@gmail.com](mailto:ceciliaborges.uab@gmail.com)  
 (61) 81791119

Taguatinga, DF \_\_\_ de março de 2011.

\_\_\_\_\_  
 Ass. d@ participante

\_\_\_\_\_  
 Ass. da testemunha

\_\_\_\_\_  
 Ass. do Diretor da Instituição

## B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - Professor



Universidade de Brasília – UnB  
 Instituto de Psicologia – IP  
 Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano  
 Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde PGPDS

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Caros Professores:

Estou desenvolvendo uma pesquisa, intitulada “A importância da parceria escola- família para a inclusão de alunos com baixa visão”, tendo como o objetivo geral: verificar como a escola e a família participam do processo inclusivo de alunos com deficiência visual.

Como você faz parte do corpo docente das turmas em que os alunos deficientes visuais estão matriculados, gostaria de solicitar seu apoio a fim de colaborar com esta pesquisa, respondendo a entrevista a seguir, a qual contempla questões acerca da sua formação profissional, prática pedagógica e sobre o atendimento que os alunos recebem por parte da escola e da família

As informações obtidas através da entrevista serão analisadas coletivamente, sendo que a identidade da instituição e dos entrevistados serão preservados integralmente. O resultado final da pesquisa será apresentado ao Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, da Faculdade UAB/UNB - Pólo de Alexânia/GO sob a orientação da Professora Mestre Riane Natalia Soares Vasconcelos.

A qualquer momento, você pode entrar em contato com a pesquisadora, Professora Sebastiana Cecília Ramos Dutra Borges, através do endereço eletrônico explicitado a seguir.

[ceciliaborges.uab@gmail.com](mailto:ceciliaborges.uab@gmail.com)  
 (61) 81791119

Taguatinga, DF \_\_\_ de março de 2011.

\_\_\_\_\_  
 Ass. d@ participante

\_\_\_\_\_  
 Ass. da testemunha

\_\_\_\_\_  
 Ass. da pesquisadora

## C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - Pais



Universidade de Brasília – UnB  
 Instituto de Psicologia – IP  
 Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano  
 Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde PGPDS

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Caro (a) Pai (mãe):

Estou desenvolvendo uma pesquisa, intitulada “A importância da parceria escola-família para a inclusão de alunos com baixa visão”, tendo como o objetivo geral: verificar como a escola e a família participam do processo inclusivo de alunos com deficiência visual (baixa visão).

Como (o/a) Senhor (a) é responsável legal de aluno (a) deficiente visual (baixa visão) que está matriculado (a) nessa instituição de ensino, gostaria de solicitar seu apoio a fim de colaborar com esta pesquisa, respondendo a entrevista a seguir, a qual contempla questões acerca da participação da família e da escola no processo de inclusão do (a) seu (sua) filho (a).

As informações obtidas através da entrevista serão analisadas coletivamente, sendo que a identidade da instituição e dos entrevistados serão preservados integralmente. O resultado final da pesquisa será apresentado ao Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, da Faculdade UAB/UNB - Pólo de Alexânia/GO sob a orientação da Professora Mestre Riane Natalia Soares Vasconcelos.

A qualquer momento, você pode entrar em contato com a pesquisadora, Professora Sebastiana Cecília Ramos Dutra Borges, através do endereço eletrônico explicitado a seguir.

[ceciliaborges.uab@gmail.com](mailto:ceciliaborges.uab@gmail.com)  
 (61) 81791119

Taguatinga, DF \_\_\_ de março de 2011.

\_\_\_\_\_  
 Ass. d@ participante

\_\_\_\_\_  
 Ass. da testemunha

\_\_\_\_\_  
 Ass. da pesquisadora